

Gazeta das Aldeias

N.º 2546

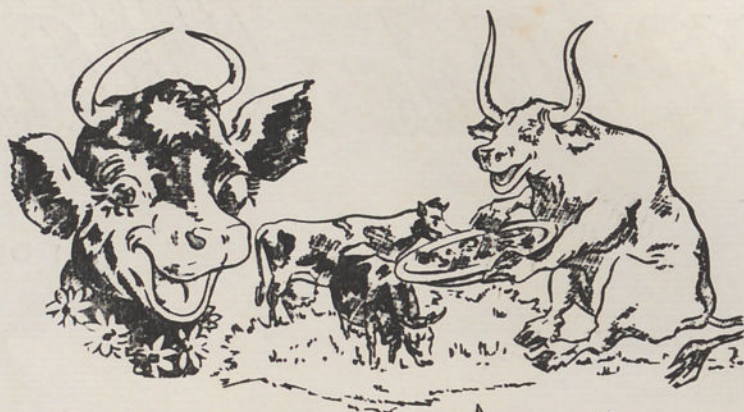
1 DE JULHO DE 1965



Sala
Est.
Tab.
N.º

Alimentos Compostos

MINERALIZADOS



VITAMINADOS



SOJAGADO

609R

O êxito da exploração dos animais domésticos, depende, na maior parte, dos cuidados postos com a sua alimentação, que deverá ser convenientemente equilibrada, tanto sob o aspecto da quantidade como da qualidade dos seus componentes.

As farinhas «SOJAGADO» compostas à base de soja, constituem um alimento concentrado que satisfaz completamente as necessidades nutritivas dos animais, havendo uma fórmula para cada espécie e natureza da exploração pecuária.

O seu alto valor em proteínas, hidratos de carbono e sais minerais, em conjugação com a sua riqueza em vitaminas, assegura o melhor resultado em qualquer exploração caseira ou agrícola, esta com ou sem especialização zootécnica.

Reconhecido e demonstrado o valor dos concentrados de soja, vários países estão a adoptar e fomentar este tipo de arração, que chega a atingir, já hoje, nos Estados Unidos da América, cerca de 70% dos compostos utilizados pelas explorações pecuárias e industriais (comunicação ao Congresso Internacional de Bari).

Também Portugal dispõe já destas farinhas concentradas que tal como no estrangeiro, são igualmente fornecidas em sacos de papel, evitando-se assim os inconvenientes verifi-

cados com sacaria vulgar, principal agente da transmissão de virus ao transitar por zonas infectadas.

As rações compostas «SOJAGADO» substituem vantajosamente os «TOURTEAUX» e as farinhas de grãos vulgares ou farelos, por resultarem duma estudada e racional combinação das qualidades de cada um desses produtos, completadas com a incorporação de certos elementos, em especial minerais e vitaminas, o que lhes aumenta o seu valor nutritivo.

Ministram-se aos animais da forma costumada, identicamente aos produtos semelhantes.

Para o gado leiteiro e bovino (Sojagado n.º 1, 2 e 13) é aconselhável a sua administração em beberagens ou na palhada, onde também é muito bem aceite.

Para o gado suíno (Sojagado n.º 8, 10, 12 e 14) é recomendável humedecer a farinha em água, de preferência amorrecida.

Para os galináceos (Sojagado n.º 4, 5, 6, 7 e 8 deve ser dada seca ou misturada com verduras.

As quantidades a empregar diariamente variam, como se compreende, com a espécie de gado, a idade e a função zootécnica que dele se pretende.

A Soja de Portugal Lda., fornece a todos os interessados as suas publicações instrutivas.

SOJA DE PORTUGAL, LDA.

Fábrica de Alimentos Compostos para Animais

ESCRITÓRIOS: Rua dos Fanqueiros, 38-2.º

Apartado n.º 2692

Telefs.: 323830-327806

LISBOA - 2

FÁBRICAS EM OVAR

Apartado 20 — Tel. 52063

DELEGAÇÃO DE VENDAS E CONSULTAS TÉCNICAS:

Rua do Almada, 152-4.º

Telef. 36970

PORTO

AUREOMICINA

CLOROTETRACICLINA

LANÇA-DOSES



Para a prevenção e tratamento da diarreia e pneumonia dos leitões

A AUREOMICINA LANÇA-DOSES foi criada para uso no controlo da diarreia e pneumonia bacterianas dos leitões. É uma fórmula especial, semi-sólida, de AUREOMICINA, clorotetraciclina, em óleo, completamente misturada e pronta para uso.



A administração faz-se pela boca. A seringa especial de matéria plástica, não recuperável, dentro da qual se encontra o medicamento, tem uma ponta branda de plástico que não pode lesar a boca do báculo. Cada seringa de 10 doses (10 cc) contém 500 mg de AUREOMICINA, Clorotetraciclina — 50 mg por cc. O êmbolo da seringa está marcado, sendo assim fácil administrar a dosagem correcta.

Coloque-se simplesmente a ponta da seringa na boca do leitão e exerça-se pressão sobre o êmbolo, fazendo-se deslocar até à divisão correspondente.

A fórmula especial do LANÇA-DOSES adere à língua, não escorre para fora da boca, não se perde, nem passa para os pulmões por forma a poder causar pneumonia.

A dosagem recomendada é de 1 dose (1 cc), dos 2 aos 4 dias de idade, repetida 3 dias depois, conforme for necessário.

Fácil de usar: basta colocar a ponta branda da seringa de matéria plástica na boca do leitão e premir o êmbolo até à marca para que saia uma dose do LANÇA-DOSES DE AUREOMICINA.

Estudos do sangue e dos tecidos mostram que os níveis de AUREOMICINA, para um tratamento eficaz, perduram por 3 dias, consecutivamente a uma só dose do LANÇA-DOSES de AUREOMICINA.

Apresentação: Seringa (não recuperável) de 10 cc (10 doses)

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E ULTRAMAR

SOCIEDADE FARMACÊUTICA ABECASSIS, S. A. R. L.

R. Conde Redondo, 64-LISBOA ♦ R. Santo António, 15-3.-PORTO

* Marca Registrada

CYANAMID

3211

*Limpesa
bacteriológica dos
vasilhamos*



Calgonit

Ácidos Cítrico e Tartárico * Metabisulfito de Potássio * Taninos "DYEWOOD" * Solução Sulfurosa * Calgonit * Soda em Cristais * Sebos para Empostigar * Wino * Parafinas, etc.

Mustímetros * Glucómetros * Areómetros * Gluco-Enómetros * Termómetros * Acidímetros * Ebuliómetros * Vinómetros, etc.

Mangueiras de Borracha e de Plástico * Filtros * Bombas * Enchedores * Gaseificadores * Rolhadores * Tesouras para Poda.



3876

Sociedade de Representações Gupeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefs. 28093
35173

**Grupos Moto-Bombas
e Motores "BERNARD"**

a Petróleo e a Gasoil

Tubos chupadores, Junções,
Válvulas de pesca, etc.

Corta-Relvas manuais e a motor,
Charruas, Semeadores, Sachadores,
Tararas, Descaroladores e Sementes

Tractores "OCRIM" e
"INTERNATIONAL"

PEDIDOS AO:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

307, Rua de Santa Catarina, 309
Telef. 25865/6 PORTO Teleg. AGROS

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOIA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, e a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência no gela.



A venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 - LISBOA



Produtos

"SCHERING"

a) Contra as **doenças** das
Vinhas e Batatais:

KUPFER-CURIT

CURIT

Contra o Mildio

ENXOFRE
MOLHÁVEL "TOP"

Contra o Oídio

b) Contra as **pragas**, incluindo o Escaravelho da Batateira

DIDITAN "50" e "líquido"

Contendo DDT + LINDANO

DIDITAN Super

Contendo 50 % de DDT

VERINDAL "50", "ULTRA" e "líquido"

Contendo LINDANO

c) Contra o Alfinete ou Bicha Amarela do Milho

VERINDAL "S", ALDRINE CONCENTRADO
"DISPERSÍVEL"

d) Contra o Escaravelho da Batateira resistente aos insecticidas clorados

SV "50"

Contendo 50 % de 1-naphthyl-N-methylcarbamate

AZINPHOS "44"

44 % de a'zinfos - etilo



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º - LISBOA





"KOLTEC"

O cercado eléctrico, com pilha, de qualidade já comprovada pela Lavoura Nacional e organismos oficiais

Importadores exclusivos:

Agência Comercial RIA, Lda.
Telef. 24040/1/2 **A V E I R O**

4127

MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS
A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO, RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

C. SANTOS, S.A.R.L.

TRAVESSA DA GLÓRIA, 17—LISBOA

3427

CHOCADEIRAS a Petróleo e Eléctricas, desde 25 ovos a 86.000

CRIADEIRAS a Gás, Petróleo e Electricidade, todas as capacidades

MATADOUROS COMPLETOS

EQUIPAMENTOS para Aviários particulares e industriais

VACINAS e Produtos Veterinários

Fomento Pecuário — Avicultura

4108

LISBOA

Rua do Telhal, 12-D

Telef. 56841



FÁBRICAS DO BARREIRO

Prefira Insecticidas C. U. F.

Garantia de boas colheitas

VISENE — pó molhável contendo 50% de SEVIN

AZINFOR — líquido contendo 44% de AZINFOS-ETILO

— Ambos de comprovada eficácia no combate ao «Escaravelho da Batateira» e «Bichado» das Peras e Maças.

— o **VISENE** e o **AZINFOR** são compatíveis com o **MILDOR**, **ASPOR** e **TIEZENE** pelo que se podem **combater simultaneamente** o «escaravelho» e «míldio» nos batatais e o «bichado» e «pedrado» nas pereiras e macieiras.

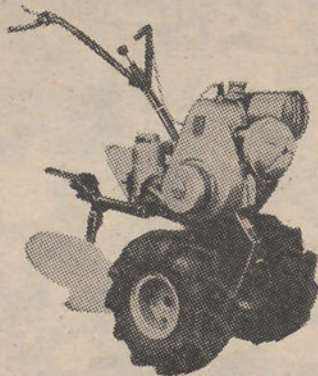


COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA — Avenida Infante Santo, 2
PORTO — Rua do Bolhão, 192

Depósitos e Revendedores em todo o País

Schanzlin



FINALMENTE!...

Máquinas portuguesas para culturas e terrenos portugueses

MOTOCULTIVADORES

Tipo 180 7/8 C. V. Petróleo

Tipo UNI/D 7/8 C. V. Diesel

Tipo EDF/57 12/14 C. V. Diesel

MOTOCEIFEIRAS

TRACTORES VINHATEIROS

Sachas-Lavouras-Transportes-Frezagens-Roça de mato, etc.

Sociedade Industrial de Máquinas Agrícolas Schanzlin, s. n. l.

FÁBRICA-LOUSÃ-PORTUGAL

Telefones: 99330 — 99335

Armazém e Stand em Lisboa

R. Antero de Figueiredo, 4-A

Telefone, 7 1 3 9 0 3

4106

Os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS DO ALTO VALOR DA UROCRASINA

- 1.º Dissolve e elimina o ácido úrico
- 2.º Activa a diurese
- 3.º Regularisa a tensão arterial
- 4.º Facilita a circulação do sangue
- 5.º Combate a obesidade
- 6.º Desintoxica e rejuvenesce

UROCRASINA

O específico Anti-urico por excelência

2816

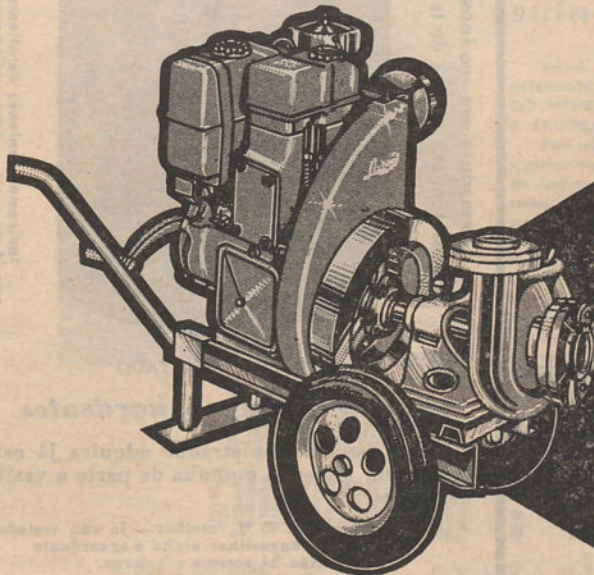
Lister

**GRUPOS
MOTO • BOMBA
DIESEL**

**MOTORES
ARREFECIDOS
POR AR E POR
ÁGUA DESDE
3,5 H. P.**

- ROBUSTOS
- ECONÓMICOS
- GARANTIDOS

**ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
PERMANENTE
•
ENTREGAS
IMEDIATAS**



Pinto & Cruz, Limitada

60, Rua Alexandre Braga, 64 - Telf. 26001 (P.P.C.) Teleg. TUBOS-Porto

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 96271 — NINE

3684



MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»

Um só motocultivador * 30 alfaias agrícolas

*Lavra — Sacha — Grada — Semeia —
Transporta — Cava e descava
vinhas — Pulveriza vinhas, batatais
e árvores — Serra — Rega — Ceifa —
etc., etc.*

ADQUIRA um motocultivador

ESCOLHA as alfaias que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

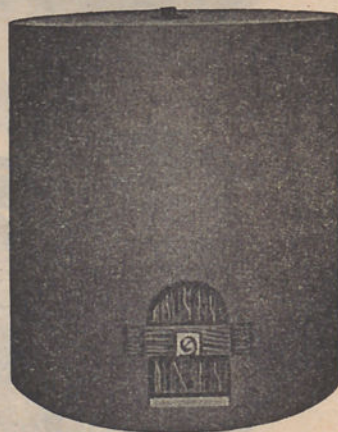
Internacional Importadora e Exportadora, Lda.

Rua Dr. Alberto Pinheiro Torres, 13-5.º Sala 3
Telef. 33379 — PORTO

9886

Tonéis em CIMENTO (MÓVEIS)

De uma a doze pipas



Armadura em aço inox
Resistem aos abalos de terra

Indicamos centenas de clientes,
que já os usam e Adegas Cooperativas
PEÇAM CATÁLOGOS

4027

MODELO REGISTADO

para **Vinhos e Aguardentes**

Se é bom administrador adquira já estes tonéis em cimento e ponha de parte a vasilha de madeira.

Garantimos vinho 75 % melhor — Já vão tratados e prontos a envasilhar vinho e aguardente — Não há atestos e bolores.

Acabe com a preocupação dos arcos e aduelas
Envasilhar vinho nestes tonéis
é a mesma coisa que engarrá-lo

Tomamos a responsabilidade do que afirmamos

Invenção e fabrico de

A Industrial do Barreiro

Telefone, 115 — Vila Nova de Famalicão

GADO BOVINO LEITEIRO
MANUAL DO PROGRAMA COORDENADO



PROGRAMA
COORDENADO

AVES DE CAPOEIRA
MANUAL DO PROGRAMA COORDENADO



PROGRAMA
COORDENADO

PORCOS

MANUAL DO PROGRAMA COORDENADO



PROGRAMA
COORDENADO

**GUIAS COMPLETOS PARA
AUMENTAR A PRODUÇÃO
NA CRIAÇÃO DE AVES,
SUÍNOS E GADO LEITEIRO**

Solicite ao representante em Portugal da CYANAMID INTERNATIONAL os exemplares gratuitos dos «MANUAIS DO PROGRAMA COORDENADO DE ALIMENTAÇÃO E SAÚDE» para AVES, SUÍNOS E GADO LEITEIRO.

Estes manuais estão cheios de ideias práticas que o ajudarão a ganhar mais dinheiro. Estas recomendações são apresentadas em programas fáceis de realizar passo a passo. Cada programa começa com a criação e cuidados a ter com os animais, e termina com o combate às doenças. Mostra-lhe o que deve fazer em cada etapa da criação, a fim de obter os maiores rendimentos possíveis.

Anos de estudos demonstraram que V. pode produzir mais carne, leite e ovos com menos despesas, seguindo os programas descritos nestes manuais. Eles indicam-lhe-ão como poderá aumentar a produção, combatendo as doenças dos seus animais. Em cada programa combinam-se as técnicas científicas mais avançadas com a administração de:

1.° — AUROFAC suplemento alimentar que contém o antibiótico AUREOMICINA — clorotetraciclina.

2.° — As vacinas e medicamentos CYANAMID de eficácia comprovada. Aprese-se a obter os exemplares destes folhetos antes que se esgotem.

**PROGRAMA
COORDENADO**

* Marca Registrada

CYANAMID INTERNATIONAL
U. S. A.

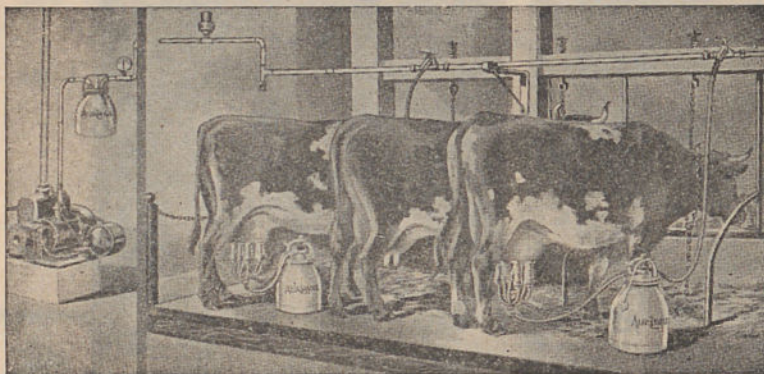
DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Sociedade Farmacêutica Abecassis, S. A. R. L
RUA CONDE REDONDO, 64 — LISBOA — TELEFONE 73 69 51

3243

INSTALAÇÕES AUTOMÁTICAS "ALFA-LAVAL" DE ORDENHA



- * Portáteis e fixas, para pequenas ou grandes vacarias
- * As mais modernas e eficientes
- * Funcionamento garantido
- * Leite higiénico
- * Economia de mão de obra

3887

PARA ESCLARECIMENTOS CONSULTE OS REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

HARKER, SUMNER & C.^A L.^{DA} — PORTO - 38, R. Ceuta, 48 * LISBOA - 14, L. do Corpo Santo, 18

Atomizadores de dorso leves e robustos

COM MOTOR DE 3 C. V. — 70 C. C.
para *Atomização, Polvilhação*
e *Lança chamas*



Podem ser montados com bocal duplo para duas saídas, e bomba de elevação com tubo de prolongamento para tratamento de árvores e ramadas altas

Motorcultivadores para ceifar ervas, cereais e mato

próprios também para *Sachar, Cavar vinhas* e *pomares, Abrir regos, Pulverizar, Transportar, etc.*

MOTORES DE:

- 4 C. V.
- 6 C. V.
- 10 C. V.

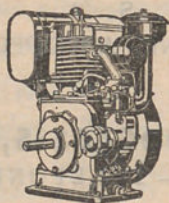
a tractol e a gasóleo

3781



Agência Geral Gulbrod

Rua de José Falcão, 152-156
Telefs.: 20947 / 20948 — PORTO



"WISCONSIN"

MOTORES A GAZOLINA E PETROLEO DE 2 A 30 CAVALOS-PEÇAS DE RESERVA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CASA CAPUCHO

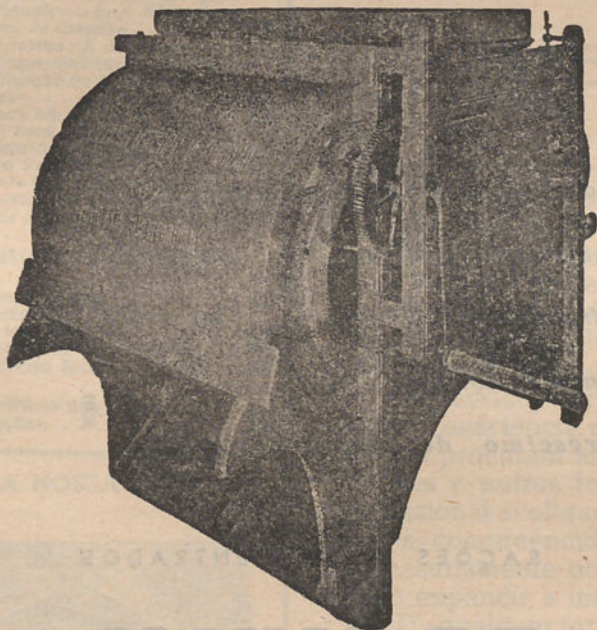
LISBOA-RUA DE S. PAULO-113-129
PORTO-R. MOUS. DA SILVEIRA-139-143

4086



COMPANHIA INDUSTRIAL DE FUNDIÇÃO

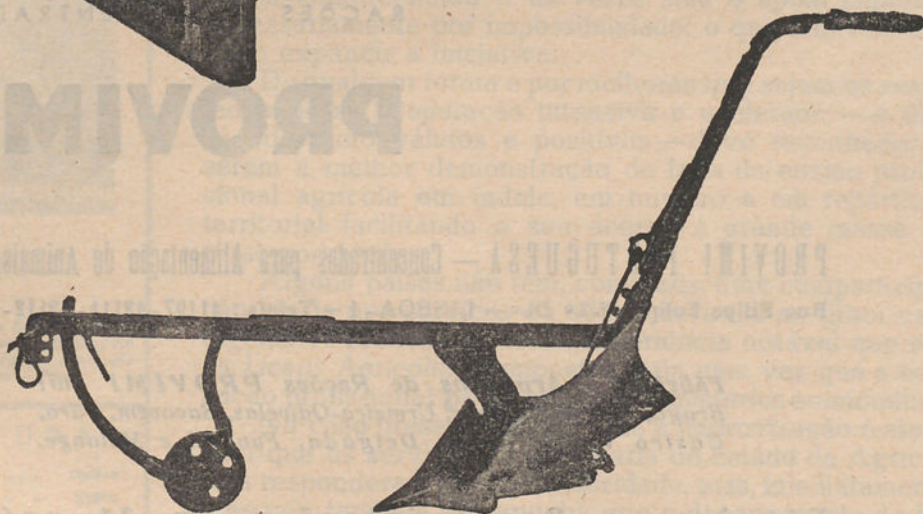
S. A. R. L.



CHARRUAS
DESCAROLADORES
TARARAS

TUDO O MATERIAL
AGRÍCOLA

Dirija
as
suas
consultas
à



Rua de S. João, 17 a 21—**PORTO**—Telefone P. P. C.

24927
24928
24929

3349



em suinicultura

PROVIMI permite:

- *baixo consumo de ração por quilo de carne*
- *rápido crescimento*
- *carne de melhor qualidade*
- *maior resistência às doenças*
- *notável acréscimo de rendimento*

105E

RAÇÕES E CONCENTRADOS

PROVIMI

PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados para Alimentação de Animais, Lda.

Rua Filipe Folque, 2-2.º Dt.º — LISBOA - 1 — Telefons.: 41197 - 42111 - 42112 - 42113

*Fábricas e Armazéns de Rações PROVIMI em:
Braga, Caramulo, Ovar, Urmeira-Odivelas, Sacavém, Faro,
Castro Verde, Ponta Delgada, Funchal e Malange.*

Fábricas e Representações em 31 países

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Bater no ferro frio | 481 |
| Considerações acerca dum despacho ministerial — A produção da carne e do leite — Eng. Agrónomo Simões Pontes | 482 |
| Ajudai-nos! Protegei-nos! Salvai-nos! — Eng. Agrónomo Luis Bivar | 485 |
| Através do Mundo—Breves apontamentos de Geografia Agrária Comparada—Eng. Silvicultor João da C. Mendonça | 487 |
| Prof. C. M. Baeta Neves | 491 |
| Temas de arboricultura—Propriedades físicas do solo— Eng. Agrónomo Oscar R. Cunha | 492 |
| A ureia—Elementos para o seu conhecimento | 496 |
| Subsídio para o tratamento da Mixomatose — Médico Veterinário José Carrilho Chaves . . | 498 |
| Árvores e madeiras de Portugal — Videiro — Eng. Silvicultor Albino de Carvalho | 499 |
| Uma tentativa — A «Cooperativa de comercialização e industrialização de produtos agrícolas» | 458 |
| Trabalhos em Julho | 506 |
| Caça e Pesca—Trutas na Lagoa Comprida — Almeida Coquet . | 509 |
| Fomento Pecuário | 511 |
| Mirante — A propósito ainda do Ministro da Economia — Conde d'Aurora | 514 |
| SERVIÇO DE CONSULTAS | |
| —Fruticultura | 515 |
| —Patologia Vegetal e Entomologia | 516 |
| —Medicina Veterinária | 516 |
| —Direito Rural | 517 |
| Intermediário dos lavradores . | 518 |
| Informações | 519 |

A NOSSA CAPA



Canastro de tipo largo

Sobreira (Paredes)

Gravura extraída do livro «Espigueiros Portugueses», editado pelo «Centro de Estudos de Etnologia Peninsular» — Porto

ASSINATURAS

| | |
|--|---------|
| Ano | 100\$00 |
| Semestre | 55\$00 |
| Número avulso | 5\$00 |
| Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais | 50 % |

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR
AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO * Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

BATER NO FERRO FRIO

UMA recente medida governamental — a aquisição de ceifeiras-atadeiras e ceifeiras-debulhadoras — veio mais uma vez evidenciar carências graves do sector do ensino profissional.

Adquiriram-se as máquinas mas houve que apressadamente improvisar cursos de "condutores" que as pusessem a trabalhar, no reconhecimento da impreparação do operário agrícola em número e nível suficientes.

Os serviços oficiais de agricultura, que de há muito têm nítida consciência dessa gravíssima lacuna, por todas as formas procuram ministrar em cursos, palestras, demonstrações e outras formas de divulgação, uma preparação profissional acelerada, esforço nem sempre ou até poucas vezes compreendido e às vezes sem o apoio superior, necessariamente por impossibilidade, o que não tem deixado expandir a iniciativa.

De qualquer forma e por melhores que sejam os resultados dessa preparação intensiva e acelerada, — e eles são de facto válidos e positivos — deve reconhecer-se serem a melhor demonstração da falta de ensino profissional agrícola em indole, em número e em repartição territorial facilitando o seu acesso à grande massa do rural português.

Alguns países não têm, como nós, uma comparticipação rígida nos serviços da educação e daí só tiram vantagens. A França com essa experiência notável que são os *Liceus Agrícolas*, demonstra mais uma vez que a educação profissional **pode** estar nos ministérios económicos.

No caso presente impunha-se a improvização e ainda bem que os serviços da Secretaria de Estado da Agricultura responderam a essa necessidade, mas, imediatamente a seguir, também se impunha que o departamento do Estado que trata da educação profissional preenchesse a lacuna tão clamorosamente verificada.



Considerações

ACERCA DUM DESPACHO MINISTERIAL

A produção da carne e do leite

Pelo Eng. Agrônomo SIMÕES PONTES

Acerca do recente despacho do Ministério da Economia sobre fomento pecuário, dá-se ao público uma série de três artigos sobre esta matéria, o primeiro dos quais, que a seguir se reproduz, é sobre carne; o segundo incidirá sobre o leite; e finalmente o último abordará algumas considerações sobre o binómio leite-carne, com algumas notas conclusivas.

I— Problema da carne

Todos os que acompanham de perto a produção e comércio de carnes no nosso País, principalmente no que respeita ao sector dos bovinos, há muito terão chegado à conclusão clarividente de ser necessário e urgente fazer uma revolução autêntica nos nossos usuais processos de trabalho.

Na verdade, as exigências da vida actual:

1) Já não suportam uma pecuária de recuperação, a partir da qual se está habituado a que o animal, à custa de uma alimentação deficiente e tantas vezes ocasional, forneça de quando em quando algum leite, trabalhe quanto possa e venha a dar, mais tarde, um esqueleto ponteagudo que parece furar a sua carne magra, dura e fibrosa;

2) Não-de acabar definitivamente com os continuos auto-subornos originados por um lamentável desconhecimento e até incompreensível repulsa na adopção ou aplicação de, pelo menos, uma conta-

bilidade simples, base primária de toda a orientação séria das explorações agrícolas;

3) Não-de também ferir de morte o processo medieval de comercialização pelo qual o gado bovino, normalmente vendido a olho nas feiras, é motivo das mais coloridas conversas e aciganadas transacções;

4) Não-de exterminar a terrível dependência, que é quase escravatura, do trabalho humano ligado ao tratamento do gado, pela adopção de sistemas adequados, onde a solidariedade e cooperação haverão de ter lugar de destaque.

Toda esta desastrosa panorâmica se enquadra, aliás, no condicionalismo de vivência da agricultura nacional.

E pergunta-se: será sensato deixar-se que esta agricultura, imprescindível à vida da nação, continue a viver sem norte e desprezada nos seus justos anseios de igualdade para com as outras actividades económicas?

Supomos que não haverá ninguém que vote pela afirmativa.

Somos um País que tem mostrado à evidência ser capaz de executar coisas maravilhosas, que chegam a espantar toda a gente, quando em horas de aperto nos entregamos de alma e coração a uma empresa, mesmo gigantesca que seja. O caso recente de Angola é disso um exemplo.

Pois bem, parece ser já tempo de se chegar à conclusão de a nossa agricultura necessitar de uma dessas arrancadas gloriosas que a tire do marasmo em que vive e a reabilite nos seus aspectos válidos. Parece ser tempo já de se deixar de considerar a agricultura como uma actividade escrava ou desprezível, que é continuamente obrigada a oferecer-se em holocausto a uma indústria que pretende caminhar e desenvolver-se.

O progresso económico do País é, sem dúvida, travado, o Produto Interno Bruto não atinge os valores que aspiramos para a melhoria do nível geral da população, enquanto houver uma diferença de desenvolvimento tão flagrante entre estes dois sectores da actividade nacional — indústria e agricultura. E é desanimador quando no Plano Intercalar de Fomento observamos uma taxa de desenvolvimento para o turismo da ordem dos 17 o/o, para a indústria 9 o/o e para a agricultura, talvez forçadamente, 1 o/o.

Vistas as coisas à luz das realidades, havemos de concordar que nunca a indústria nacional, naturalmente modesta nas suas proporções em confronto com a europeia e que, por isso mesmo, não pode prescindir do mercado interno, terá vida desafogada e a maior parte dela projecção internacional, com uma Lavoura decrépida, sem poder de compra e sem crédito.

E se não quisermos a falência total ou parcial da nossa Lavoura, haverá que lhe dar a devida importância e criar-lhe um ambiente propício a uma evolução que se impõe, de forma a poder ser considerada, não uma actividade desprezível, como hoje acontece, mas antes fixadora de valores positivos, pela segurança de lucros legítimos e justos.

Ora, um dos aspectos válidos da reabilitação da Lavoura situa-se exactamente no sector pecuário, uma vez que, além

do mais, é com o gado que melhor se garante o património terra.

A força das circunstâncias, conduzida pelo homem, impôs este terrível condicionalismo na vida dos campos; a força das circunstâncias, imposta pela natureza, que tende ou exige equilíbrio, há-de provocar uma reacção benfazeja que traga as coisas à normalidade.

Conforme a compreensão dos homens, será de duração variável essa recuperação. Mas é sem dúvida mais rápida desde que o Governo, nas suas normais funções de fiel da balança económica nacional, se aperceba da miséria em que a agricultura vive, principalmente a de pequena propriedade, e lhe dê apoio e estímulo que a impulsione para uma vida melhor, cónscio de que dessa melhoria toda a Nação aproveita.

E parece, de facto, chegado o tal momento que bem pode marcar o início dessa reabilitação da Lavoura. O recente despacho do Ministério da Economia sobre fomento pecuário anima-nos nesse sentido.

Em boa verdade, é talvez a primeira vez que se encara com tanta coragem este problema, e são postas a público, com vontade firme de bem servir os legítimos direitos e interesses da Lavoura, medidas de alto alcance para o fomento pecuário.

O Ministério da Economia, consciente finalmente da gravidade da situação, procurou afinar a sua máquina deliberativa, no sentido de estabelecer uma política agrícola que nos atire para uma evolução pecuária positiva, absolutamente necessária. E isto é tanto mais de louvar, quanto é certo que o despacho surgiu exactamente numa altura em que se esboçava uma tendência para uma baixa de valores.

A primeira e indispensável condição que a Lavoura criadora de gado bovino desejava, para continuar a ter alento, está ali estampada em letra de forma: preço garantido à produção e por todo o ano, calculado com realismo e espírito positivo, na medida em que se apresenta um valor — 26\$00 por quilo de carcaça — superior à média dos dois últimos anos, que se situa à volta dos 24\$00. E na páscoa de 1966, o preço de garantia subirá para 27\$00. Ainda como medida complemen-

tar de fomento, são mantidos os subsídios adicionais de «novilhos» de 2\$00 e 3\$00 por quilo, consoante se trate de novilhos «comuns» ou «precoces».

Além disso, admite-se ainda o financiamento para a exploração de recrias, facilitando-se às entidades interessadas os capitais necessários. Para a zona de pequena propriedade, esta medida é digna dos maiores louvores.

Com este despacho, criou-se um bom incentivo que poderá permitir ao criador de gado novas perspectivas de segurança. É um passo corajoso que bem poderá contribuir para a desejada intensificação de produção de carne de bovinos.

Mas, será o despacho decisivo para a obtenção deste objectivo, de forma a poder encarar-se a hipótese mais favorável de nos auto-abastecermos em carne ou mesmo levar-nos a uma posição de uma importação mínima?

Sem querer de forma alguma negar o valor e positividade do despacho, que está todo ele impregnado de um espírito determinativo de arrancar a pecuária do nosso País do estado de torpor em que se encontra, ousamos inclinar-mo-nos para a negativa.

Há três fortes razões que poderão constituir sérios obstáculos inibitivos de uma franca segurança na criação de gado bovino, na medida em que o estímulo que agora se pretendeu dar com os preços de garantia, poderá ser efémero. De resto, o facto de no Norte o gado bovino se estar a vender abaixo do preço fixado no despacho, vem dar força à nossa maneira de pensar.

Ora, então, vejamos:

1) Para a garantia da aplicação do despacho, era indispensável que a sua louvável doutrina fosse apoiada por uma infra-estrutura frigorífica com uma capacidade e localização devidamente estudadas.

Nesta hipótese, qualquer excesso de oferta de animais não perturbaria o mercado de gados. As câmaras frigoríficas absorveriam esse excesso, para o cedem em qualquer outra altura de escassez de gado.

Mas nada disso, infelizmente, se observa hoje no nosso País. A única

câmara frigorífica existente é a de Lisboa, e só ela não pode evitar as flutuações de preço de um mercado livre, onde a abundância de gado pode fazer baixar o preço, com os inevitáveis inconvenientes para a Lavoura.

Isto mesmo parece observar-se no momento presente. Sabe-se, com efeito, que o matadouro de Lisboa, devido, aliás, às disposições oportunas e louváveis do despacho, está total ou quase totalmente mobilizado com o abate de gado do Alentejo, que depois entra na câmara frigorífica à razão de 200 cabeças de bovinos por dia. A terrível seca que flagelou esta Província, obrigou o lavrador a entregar ali em massa o seu gado, evitando assim os efeitos catastróficos da falta de pasto.

É uma medida de recurso, adoptada para socorrer a Lavoura daquelas paragens. Não haverá ninguém que a não louve. Mas, em contrapartida, deve ser também a principal razão por que, sendo a câmara frigorífica única e com uma capacidade naturalmente limitada, não terá podido contribuir para absorver do Norte o excesso de oferta que se registou nos mercados, e daí, o abaixamento de preço observado.

Poderá também pensar-se que as coisas seriam fáceis de solucionar, se a Lavoura produtora não tivesse tanta pressa em desfazer-se do seu gado, dando assim possibilidades de se estabelecer um escalonamento disciplinado, vantajoso para todos. Mas também se sabe que a Lavoura, especialmente a pequena, não tem nem pode ter qualquer disciplina na entrega do seu gado. Regra geral, vende-o para abate, quando necessita de fazer dinheiro, tal como em outras ocasiões corta e vende um ou dois pinheiros para satisfação de necessidades imediatas.

Nestas circunstâncias, e em face do actual condicionalismo de vida da Lavoura, a infra-estrutura frigorífica será a única arma segura capaz de poder manter a indispensável constância de preços.

Entretanto, e para o problema actual, espera-se que o Organismo responsável por este assunto, logo após a solução do caso alentejano, adopte sem demoras as medidas necessárias para que a câmara

(Conclui na pág. n.º 491)

Ajudai-nos! Protegei-nos! Salvai-nos!

Por LUÍS BIVAR
Eng. Agrónomo

(Conclusão do n.º 2529, pág. 777)

MUITAS vezes aqueles que tratam doentes acabam por adoecer também. Pois foi precisamente o que me aconteceu, ao tratar da doentíssima agricultura.

E, tal como com o vulgaríssimo sarampo e outras enfermidades que, de por si, pouco valem, surgiram certas complicações que me deitaram bastante abaixo, impedindo-me de escrever, ou melhor, desimpedindo a *Gazeta das Aldeias* dos meus artigos.

Mas tudo tem fim; desta vez, antecipou-se o fim. Ainda não estou bem em condições de continuar a escrever, mas, mesmo assim, vou fazê-lo, embora com prejuízo para aqueles que incautamente, lerem estas linhas. A todos peço muitas desculpas e, sem mais preâmbulos, vou abordar o assunto que aqui me traz, isto, é, o fim duma série de artigos que há muito principiei e que há muito devia ter acabado.

Estamos em maré de realizações.

Aqui há dois anos realizou-se a I Semana Rural do Minho, que veio lançar luz, a jorros, sobre os males da nossa doentinha.

Da I Semana Rural do Minho nasceram, entre outras coisas interessantes, os Ensaio de Desenvolvimento Comunitário, de que tanto se fala e tanto se espera.

E, no entretanto, as pessoas, interessadas na Agricultura continuam a realizar palestras, conferências, discursos parlamentares, etc., proclamando que isto está muito mal e sugerindo remédios,

mais ou menos enérgicos, mais ou menos eficazes, para curar ou até remoçar a velha e decrépita enferma.

Mas deixemos por uns momentos, este assunto, ou melhor, ladeêmo-lo, expondo, em termos singelos, uma pequena lição de física sobre outro que com ele se relaciona: as diversas formas de energia.

Na citada semana houve muita animação, muita discussão, gastando-se enorme quantidade de energia. Mas a energia tem diversos aspectos e nós vamos analisar aqui, embora muito superficialmente, alguns deles.

Das discussões nasceu a Luz, muita luz, que iluminou a doente, a sua enxerga e o seu quarto sob todos os ângulos e em todos os recantos, mesmo nos mais obscuros.

Ora a Luz é utilíssima, é quase sempre imprescindível, mas... muitas vezes não basta. E é pena.

É pena porque se muitos problemas se podessem resolver só com luz, a sua solução ficaria baratíssima. De facto, entre as diversas energias, a luminosa é das mais caras.

Assim, por exemplo, com a corrente a \$50 (o que já não é muito barato), uma lâmpada de 100 wats dará uma grande claridade, gastando apenas meio tostão por hora; e, se em vez de uma lâmpada empregarmos um tubo fluorescente para obtermos a mesma intensidade luminosa gastaremos ainda muitíssimo menos.

É certo que, em casos particulares, a energia sonora ainda é mais barata. Com um pequeno aparelho de T. S. F. de transistores e com cerca de uma dezena de escudos gastos em pilhas, pode-se obter energia sonora que nos encha os ouvidos durante muitíssimas horas, minoseando-nos com músicas, cantigas, discursos, histórias, etc..

Infelizmente esta energia, tal como a luminosa, também não resolve muitos problemas, sobretudo os problemas da Agricultura, se não for empregada juntamente com outras (tudo em sentido figurado, bem entendido).

Assim, além das duas energias mais baratas, isto é, a *Luz* (sobre os problemas agrícolas) e o *Som* (os discursos e as discussões), é preciso haver mais duas, a saber: a *energia calorífica* (o calor, o entusiasmo dos interessados) e a *energia motriz* (o dinamismo desses mesmos interessados). Mas, como se sabe a energia dinâmica e a calorífica são bastante mais caras que a luminosa e a sonora.

Recapitulando: para levar a bom termo qualquer ideia, qualquer resolução é necessário dispendir energia luminosa e sonora, para lançar luz e discutir os problemas em causa. Mas também são imprescindíveis a energia térmica e a energia dinâmica, para que da discussão, das palavras, se possa passar às obras.

Felizmente a energia térmica (neste caso figurado), ainda é mais barata do que a luminosa e a sonora, porque é de graça: o calor, o entusiasmo dos interessados ou existe, sem dispêndio, ou não se compra por dinheiro nenhum.

Já o mesmo não acontece com a energia dinâmica. Para haver força motriz é preciso dispendir-se dinheiro, muito dinheiro; e sem a força motriz, sem a *energia dinâmica*, todo o trabalho gasto em expor, esclarecer, discutir e arranjar soluções para os problemas agrícolas será, praticamente, inútil, visto que não se poderá passar das palavras às obras.

Voltemos agora, pela última vez, às doenças da nossa protegida.

Conforme viram aqueles que tiveram a bondade e a paciência de ler toda esta série de artigos que hoje, felizmente vai terminar, expus, conforme pude as suas enfermidades, e indiquei os remédios que,

a meu ver, se poderiam empregar, para obter, se não a cura, pelo menos um alívio.

Mas, como todos sabem, muitos doentes, mesmo quando confiam nos médicos, recorrem também à oração.

Que a Agricultura, que os agricultores façam como eles. E, para lhes simplificar o trabalho, eu mesmo lhes vou compor uma.

Não é dirigida aos deuses. Aqueles a quem peço para recorrerem nem sequer são santos e, portanto, por mais que nos escutem, não podem fazer nenhuns milagres.

No entanto, se ouvirem a oração resada por milhares e milhares de bocas, mais se esforçarão por bem cumprirem o seu dever e por atenderem aqueles que tantas necessidades têm.

Eis a oraçãozinha, que a todos recomendo.

Rezem-na em coro, em voz alta, se for possível em altos brados.

Rezem-na com muita fé e, sobretudo, com muita insistência, pois só assim ela poderá ser atendida, só assim se poderão obter as desejadas graças.

Oração

Homens da Ciência, que estais encarregados de descobrir, porpor, esclarecer e resolver os nossos problemas

Ajudai-nos!

Homens da Finança que, com o vosso dinheiro podeis e deveis auxiliar-nos, ajudando-nos a executar o que nos ensinarem os Homens da Ciência

Protegei-nos!

Homens do Estado, que podeis e deveis proteger a Agricultura contra os seus numerosos e grandes inimigos, as suas pragas, as suas doenças, enfim, todos os perigos de que ela, só por si, não se pode livrar.

Homens do Estado que mandais nos Homens da Ciência e que, de certo modo, podeis influir, a nosso favor, nos Homens da Finança

Salvai-nos!

Através do Mundo — Breves apontamentos de Geografia Agrária Comparada

Por JOÃO DA COSTA MENDONÇA
Eng. Silvicultor

MEDIR, comparar, é próprio da natureza humana. Deste modo nada tem de extraordinário o facto de muita gente se preocupar com o que se passa noutros países, de gostar de conhecer as suas paisagens, as suas instituições, os seus habitantes. Viajar é um bom remédio, mas não só não está ao alcance de qualquer pessoa, como também, por si só, não é solução óptima, porque é impossível ver tudo. Melhor ainda, mais rápido, mais prático, é o recurso aos bons livros de geografia, que os há escritos com muita profundidade e objectividade. Nestas circunstâncias, com apoio em limitada experiência pessoal, mas com auxílio de alguns manuais, compêndios, ensaios, tratados, atlas, vamos tentar dar ao leitor benévolo apressadas noções do que é o sector agrário por esse mundo fora.

A um técnico, e quero crer, aos lavradores, interessa-lhes, sobretudo, a comparação das paisagens e das actividades campestres, em toda a sua infinita variedade.

Propomo-nos, por isso, nesta emergência, descrever os diversos meios e as sociedades campestres, condensando em curtas páginas as múltiplas facetas da vida rural nas principais regiões do planeta onde vivemos, sendo nossa intenção realçar o comportamento humano na ocupação do solo, umas vezes mais fácil, outras deveras complexo, mas sempre uma luta, um capítulo duma epopeia.

Lisboa é um local magnífico para a partida da excursão. Estamos num ponto

de sobreposição de três grandes influências naturais. Se caminharmos para o norte, ao longo da orla litoral, progressivamente acentua-se a acção atlântica. Se caminharmos para o interior, ao longo do vale do Tejo, cada vez estamos mais sujeitos à continentalidade. Se rumarmos para o Algarve, direitos à foz do Guadiana, penetramos no ambiente mediterrâneo. Muito activos nuns casos, mais atenuados noutros, os efeitos das massas de ar aquecidas no contacto com este mar, fazem-se sentir em todo o território nacional. Isso justifica que se comece por este domínio geográfico.

1 — *A Europa mediterrânea.* Três penínsulas da Europa avançam pelo Mediterrâneo, como um bloco quadrado a Ibérica, como uma bota a Itália, como uma mão a Grécia. Todas três têm um clima tipicamente mediterrâneo sobre grande parte do seu território, não obstante o centro e o norte da primeira escaparem à regra, bem como o norte das duas últimas.

A Grécia — Berço e foco de irradiação da civilização europeia, a península helénica é um dédalo confuso de arrogantes montanhas, dominadas pelo Monte Olimpo (2985 m), que abruptamente mergulham no sereno mar azul, semeado de ilhas e ilhéus, determinando uma linha de costa extremamente recortada, desarborizada e descarnada, calcinada, pouco hospitaleira. Recebe assim o viajante uma primeira impressão de angustiante pobreza, que

de nenhum modo se desvanece à medida que penetra nas serranias interiores, em geral desarborizadas e pedregosas, embora, não sejam raros nalgumas gargantas e desfiladeiros verdejantes bosques, reminiscência da soberba floresta que outrora

muito permeáveis, que dão origem no sopé dos montes a magnificas nascentes, que os gregos aproveitam cuidadosamente para rega, já que nestas paragens pouco se pode contar com os cursos de água, de regime pobre e altamente irregular.

O clima, turisticamente maravilhoso, não é propício para a agricultura. O estio é quente e muito seco e o Inverno doce e pluvioso. Em Atenas, em Janeiro, as temperaturas são sensivelmente iguais às de Lisboa, porém a média de Agosto é de 27°C ou seja mais 6°C do que na nossa capital. Normalmente nunca chove mais de 100 dias por ano, às vezes apenas 50, e não mais de 500 mm anualmente, o que aproxima este clima do da bacia sul-alentejana e algarvia do nosso Rio Guadiana. No seio e no alto das montanhas os Invernos são naturalmente mais rudes e a neve é fenómeno habitual.

Final, como entre nós, e na Itália, mas não tão acentuadamente, existe uma certa diferença entre as regiões setentrionais e meridionais, as primeiras mais castigadas pelos rigores da continentalidade e que a bem dizer melhor se inseririam nos Balkans, que contamos

descrever mais tarde, as segundas beneficiadas pelos efeitos moderadores do mar que as rodeia e se infiltra na rendilhada costa.

Porém, em todo o território, o calor e a luminosidade atmosférica provocam uma evaporação muito activa, determinativa de índices de aridez elevados, que impedem ou prejudicam a cultura em sequeiro de inúmeras plantas com interesse económico.

Neste meio agreste e aparentemente desfavorável à concentração populacional, habitam 8,5 milhões de seres humanos, numa superfície de 133 000 km². Metade da população activa trabalha no sector agrário, sendo constituída em esmagadora maioria por rudes e ignorantes camponeses e pastores. O êxodo rural está em curso, mas ainda nas primeiras



Na Grécia montanhosa as planícies e as planuras elevadas apenas cobrem reduzida extensão do território nacional

revestiu o território. Neste país tão ondulado, de relevo complicado, por vezes caótico, as planícies são em pequeno número e restringem-se a estreitas plataformas litorais e alguns apertados vales e pequenas depressões interiores, o que não impede que sejam normalmente fertilíssimas, estabelecendo impressionante contraste com as vertentes nuas e erosionadas das massas montanhosas que as encerram. Algumas abrem-se para o mar, como a célebre planície de Argos, jardim feracíssimo, que abastece Atenas de legumes e frutas. Outras são bacias interiores e destas muitas, tal como sucede com os covões dos nossos maciços calcários (a lagoa de Minde é um bom exemplo), são desprovidas de escoamento superficial. Aliás, trata-se de formações geológicas análogas denominadas *Karsticas*,

fases. Por agora, verifica-se especialmente o despovoamento das montanhas, enquanto a pressão demográfica nas planícies é tremenda, à falta de uma indústria susceptível de absorver os excedentes de mão-de-obra que a agricultura necessariamente vai dispensando à medida que se moderniza.

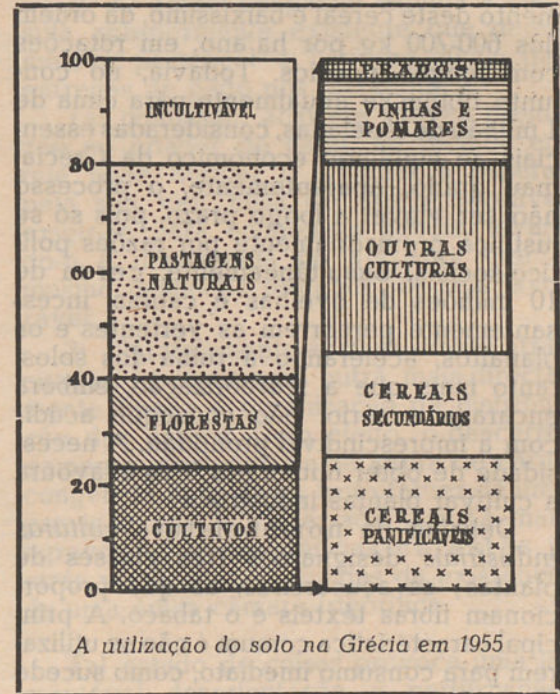
Consoante o grande geógrafo Vidal de La Blache, o pai da moderna geografia, salientou, o homem mediterrâneo, tradicionalmente refugiou-se nas montanhas, chegando a trepar até aos 1000 m, mas em geral permaneceu a cotas oscilando entre os 300 e os 700 m, isto porque aí fugia à insegurança e à insalubridade das terras baixas, perigosas em face do flagelo de continuas incursões de hordas guerreiras e doentias devido à sua natureza pantanosa.

Apenas 1/5 do território é cultivável. Esta parcimoniosa extensão é explorada por pequenos e modestos proprietários (é curioso assinalar que é o país da Europa onde os assalariados são menos numerosos), habitualmente pelos mesmos métodos utilizados pelos seus antepassados da antiguidade clássica, aqui e ali, em especial nas planícies, substituídos por sistemas mais evoluídos. Aliás, a agricultura grega é uma curiosa associação de traços arcaicos e modernos. Mais de duas dezenas de milhares de tractores, quantitativo medíocre à escala europeia, dão indicação precisa do grau de desenvolvimento atingido.

Muito laboriosos, conseguem os gregos extrair desta terra avarenta, que progressivamente têm conquistado através de um épico esforço de construção de socacos, drenagem de pântanos, estabelecimento de regadios, produções muito notáveis.

A armação do terreno em socacos denuncia uma ânsia de aumentar a superfície cultivável nas zonas onde o solo arável escasseia e a população é excessiva. Vulgar na Grécia montanhosa, repete-se em vários recantos da bacia mediterrânea, mas não constitui originalidade regional, porque se observa noutros países e continentes, atingindo mesmo aspectos épicos em Java, nas Filipinas ou nos Andes. Em Portugal é corrente; lembramo-nos ao acaso do Alto-Minho, das

Serras da Estrela e da Gardunha, de Monchique, para não falar das vinhas do Douro ou dos olivais do Tejo, acima de Belver. Muitas vezes parecem escadarias trepando pelas montanhas, ou até janelas debruçadas sobre os vales alcantilados e altaneiros. Aprioristicamente, este tipo de aproveitamento dos escassos recursos na-



No primeiro rectângulo indicam-se percentualmente os grandes grupos de utilização do solo. No segundo a repartição dos cultivos agrícolas. O termo *pastagens naturais* designa as áreas não submetidas a quaisquer tratamentos, sujeitas a apascentação extensiva. Observa-se, em contrapartida, a diminuta percentagem de prados cultivados

turais, na maioria dos casos, não parece compatível com as exigências da economia moderna, porquanto, a pequenez dos tabuleiros, a quase impossibilidade de mecanização, as dificuldades de acesso — que longo e fatigante percurso é preciso fazer para os alcançar — não se coadunam com compensações mínimas capazes de fixar os trabalhadores rurais ao agro. Muitas vezes pensamos qual o futuro desta modalidade cultural; a agricultura,

as forragens, a floresta? Não tardará muito que tenha de ser estudado o problema e ensaiadas soluções, que, inevitavelmente, variarão com as condições locais.

Numa tentativa de aumentar a rentabilidade financeira surgem alguns aspectos singulares como o de se cultivar o trigo nas encostas e a vinha nas baixas. Na realidade, o vinho destina-se a ser vendido e o trigo a auto-consumo. O rendimento deste cereal é baixíssimo, da ordem dos 600-700 kg por ha/ano, em rotações com longos pousios. Todavia, no conjunto obtém-se anualmente para cima de 1 milhão de toneladas, consideradas essenciais ao equilíbrio económico da Grécia, mau grado, aparentemente, o processo não ser viável a longo prazo, pois só se justifica provisoriamente por razões político-sociais. Simultaneamente, cerca de 10 milhões de ovelhas e cabras, incessantemente percorrem as vertentes e os planaltos, acelerando a ruína dos solos, tanto mais que a rearboração, embora encarada a sério, não consegue acudir com a imprescindível prontidão. A necessidade de obter numerário leva a lavoura a cultivar plantas industriais.

Debaixo da nomenclatura *culturas industriais* designamos três classes de plantas; as açucareiras, as que proporcionam fibras têxteis e o tabaco. A principal característica comum é não se utilizarem para consumo imediato, como sucede em maior ou menor grau com os demais produtos agrícolas destinando-se, pelo contrário, ao abastecimento de unidades fabris que procedem à sua transformação. Acharmos, por outro lado, conveniente sublinhar que o facto de se apelidarem culturas industriais não implica necessariamente técnicas de cultivo muito evoluídas, antes, algumas, principalmente na região mediterrânea, são obtidas por processos rudimentares. Agricultura industrializada, industrialização da agricultura, significa algo diferente; correspondem a uma dimensão e organização identificáveis com a racionalização de produção com vista à obtenção de altas produtividades, tal como é norma nas unidades fabris do sector secundário. Por outro lado, também, a vinha e o olival, ou mesmo o tomateiro, parece que deveriam ser considerados como culturas industriais. As

duas primeiras, por serem clássicas, ou em consequência do aproveitamento misto da uva e da azeitona — em natureza ou transformadas em vinho ou azeite — normalmente não o são. O tomateiro, talvez, pelo segundo motivo, é mais vezes classificado como hortícola, do que como industrial.

O tabaco (100 000 t anuais), e o algodão (175 000 t anuais), ao lado das tradicionais frutas secas, especialmente as passas de uva, e o azeite, a que se reuniu recentemente o arroz, são causa de um balanço positivo impressionante em face da pobreza intrínseca do território e que se traduzia em 1957 por um *produto agrícola bruto* de 5000 dólares por km² de superfície territorial (para Portugal, na mesma data 5500 dólares). Devemos, entretanto, ter presente que a produtividade do trabalho humano é baixa, o que justifica a estagnação social da população camponesa.

Os resultados obtidos derivam predominantemente do sub-sector agrícola, porquanto a contribuição das florestas (2 000 000 ha, cobrindo 15 o/o do solo) e das pastagens, é forçosamente fraca.

Inteiramente mediterrânea, a agricultura grega alicerça-se na seara, na vinha, no olival e na ovinicultura, porém, paralelamente, está orientada para a exportação, dedicando-se à obtenção de produtos de alto valor mercantil, como as frutas secas e o tabaco, que pesam muito poderosamente na sua balança de pagamentos. Não fugindo a uma regra, que é fatalidade meridional — e não sabemos até que ponto poderá ser contrariada — os efectivos pecuários são escassos, sobretudo no que diz respeito a gado maior, o que, afinal, melhor reflecte o avanço de uma lavoura. Em 1955 existiam 123 bovinos, dos quais 35 leiteiras, por 1000 habitantes (em Portugal, na mesma data, 103 e 17, respectivamente).

Esta apressada e imperfeita digressão pelo espaço grego, permitiu-se desde já tomar conhecimento de alguns pormenores fundamentais do complexo agrário mediterrâneo.

Em primeiro lugar, para citar aquele que oferece maior acuidade, deve-se referir a existência de um vasto território de

montanha, ingrato e deteriorado, em contínuo despovoamento.

Depois, uma agricultura baseada na produção precária de cereais em sequeiro, em rotações englobando largos pousios, que por razões climáticas, nem sempre será possível suprimir.

Por outro lado, esta agricultura tem em geral um cunho artesanal, raramente se revestindo de carácter industrial.

Como meios de luta contra estes condicionamentos, salientam-se o emprego das plantas lenhosas — vinha, tão ajustada à região, as árvores de fruto e as florestas — e a irrigação.

Nesta conformidade, não admira que a paisagem rural não tenha a harmonia e a homogeneidade que adquire nas planuras da Europa do noroeste e norte, onde a perder de vista o desenho parcelar é regular. Ora justamente a zona do Mediterrâneo é o mundo de discontinuidade; os campos reduzem-se muitas vezes a placas entre os rochedos. A par das grandes propriedades abertas, as pequenas courelas muradas. Predomina a policultura nas zonas mais férteis, a cultura extensiva nas paupérrimas. Esta confusão é na realidade uma qualidade bem mediterrânea, resultante de um combate milenário contra um meio adverso e duro.

Prof. C. M. Baeta Neves

Por motivos alheios à sua e nossa vontade, interrompeu temporariamente o Prof. Baeta Neves a sua periódica colaboração à *Gazeta das Aldeias*.

Se bem que curta, essa interrupção, devida a compromissos profissionais, não é menos sentida e será com redobrado prazer que veremos em breve, o Prof. Baeta Neves a valorizar as colunas desta revista.

O facto permite-nos afirmar-lhe a nossa estima e particular consideração.

Considerações acerca dum despacho ministerial

(Conclusão da pág. n.º 484)

frigorífica de Lisboa passe a receber gado bovino do Norte, promovendo assim o equilíbrio desejado e que se impõe.

2) O actual despacho elimina a cláusula anteriormente existente que determinava pertencer à Lavoura 50 o/o das entregas de gado nos matadouros.

Tal comissão, acarreta graves prejuízos ao criador de gado, na medida em que pode obrigar o lavrador a esperar pela sua vez, mais do que é razoável exigir-se para economias débeis, levando-o à desistência do sistema que o mesmo despacho pretende lhe seja favorável.

3) Paralelamente às duas razões atrás citadas, há ainda uma outra, mais directamente ligada à organização da distribuição das carnes. Com efeito, o descarregamento efectuado nesta altura de carne congelada importada, fruto talvez de uma previsão estatística errada, ainda mais agravou as consequências nefastas já atrás verificadas, derivadas da existência de uma única câmara frigorífica.

Tal estado de coisas provoca uma lamentável desorientação e perturbação, porque, muito embora se creia que esta carne congelada não venha, neste momento a ser entregue ao consumo, o que é certo é que de algum modo vem reduzir a capacidade de frio existente, já de si limitada e, por outro lado, determina um ambiente psicológico nada favorável.

Independentemente destas três razões, parece também que seria da maior conveniência que a Organização da Lavoura envidasse os seus esforços no sentido de preparar os seus associados para a criação de cooperativas de abate. Além das inegáveis vantagens que o domínio da distribuição da carne permitiria à Lavoura, contribuir-se-ia ainda para abolir o processo pouco dignificante actualmente existente na comercialização do gado, que nos envergonha perante a avalanche de turistas que hoje nos visitam.

TEMAS DE ARBORICULTURA

Propriedades físicas do solo

O exame e descrição do perfil do solo em Arboricultura Fruteira

Por ÓSCAR REIS CUNHA
Eng. Agrônomo

(Continuação do número 2545, pág. 453)

Estrutura

Quando se fez referência à constituição das partículas do solo citou-se que o *limo* e a *areia* eram cimentados por materiais mais finos de natureza coloidal — *argila* e *humus*. O conjunto pode apresentar-se como uma massa contínua *sem estrutura* (exemplo: argilas muito compactas, areias cimentadas) ou *estruturado*, sob a forma de agregados de partículas (ex.: argilas sãs). Estando ausentes os materiais coloidais cimentantes, os elementos grosseiros ficam livres, uns em relação aos outros (ex.: areias móveis).

«O estudo de estrutura feito no campo refere-se aos agregados cimentados que podem ver-se quando as paredes das covas de exame fendilham por secagem natural, ou quando se atira ao ar uma porção de terra e esta se divide em fragmentos. Estes fragmentos são agregados de partículas cimentadas pelos colóides» J. V. Botelho da Costa (Reconhecimentos Agrológicos).

Ou por outras palavras «refere-se ao estado de agregação do solo em elementos coerentes bem distintos ou agregados (grupos, grânulos, torrões)» Godinho Gouveia (trab. cit.).

A *estrutura* é das propriedades físicas

mais importantes a considerar no estudo do solo. Condiciona a *porosidade*, o *arejamento*, a *infiltração das águas* e a *penetração das raízes*. É influenciada pela técnica cultural — covas, lavouras, escarificações, sachas, rolagens, subsolagens, estrumações, siderações, etc...

A estrutura caracteriza-se em relação à *forma* e *dimensão* dos agregados. A determinação é feita em covas cujas paredes se deixaram secar um pouco, sendo a parte destinada a observação trabalhada com a parte de sacho do martelo do pedologista.

Na descrição da *torma dos agregados* podem registrar-se os seguintes tipos existentes nas «Normas para o preenchimento de verbetes. Exame de perfis. Lourenço Marques». (Godinho Gouveia).

«Estruturas prismiformes

Prismática — agregados de dimensões dominando segundo o eixo vertical; têm a forma de prismas e os topos planos.

Colunar — Idem, mas os topos são arredondados».

«*Estrutura anisoforme* — agregados de eixos sensivelmente iguais ou pouco diferentes, de forma irregular.

Anisoforme angulosa — no caso de terem facetas planas e a maior parte das arestas agudas.

Anisoforme subangulosa — no caso de terem facetas geralmente curvas e a maior parte das arestas arredondadas».

«Estruturas esferoformes

Granulosa — agregados de forma gros-

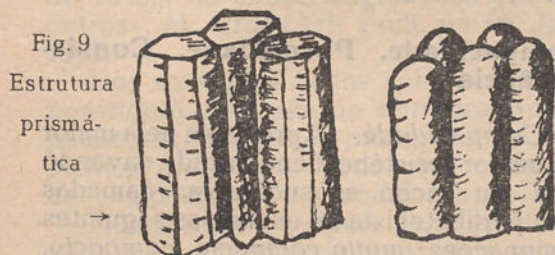


Fig. 10 Estrutura colunar



Fig. 11 — Estrutura grumosa

seiramente arredondada, sem arestas definidas.

Grumosa — agregados de forma grosseiramente arredondada (mais irregular que a anterior) e visivelmente formados por agregados mais pequenos».

«Estruturas laminiformes

Platiforme — em placas sobrepostas.
Folheada — Idem, mais delgadas.

Escamosa — em placas sobrepostas curvas».

As estruturas *prismática* e *colunar* (figs. 9 e 10) são características de solos demasiado argilosos não aconselhados para pomar. As camadas com estas estruturas são mal exploradas pelas raízes.

A *granulosa* e a *grumosa* (fig. 11) são boas estruturas.

Uma boa estrutura caracteriza-se por uma separação fácil dos agregados em pequenos torrões (estruturas esferoformes).

Deve ser preocupação constante do arboricultor conseguir e manter uma boa estrutura.

«Quando se consegue uma estrutura grumosa suficientemente estável os pequenos espaços intersticiais dentro de cada agregado actuam como reservatórios de água ao passo que os canais existentes entre os agregados permitem a infiltração da água em excesso e facilitam as trocas gasosas». J. V. Botelho da Costa (Reconhecimentos Agrológicos, Lisboa, 1942).

A *resistência dos agregados* de partículas às acções destruidoras (erosão, lavagem) designa-se por *estabilidade estrutural* (1) que é estudada em laboratório a partir de dois índices — S e K — (Henin). Na prática a *estabilidade dos macro-agregados* de partículas pode ser determinada pelo método de Graçanin (1950).

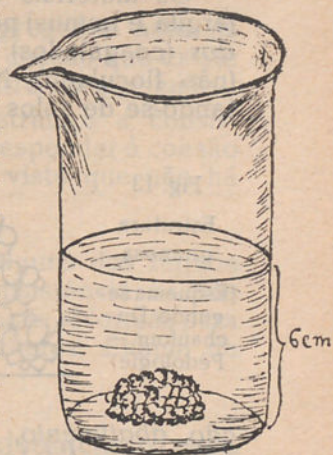


Fig. 12

Método de Graçanin (2)

«Agregados, com o peso médio de 0,5 gr, lançam-se num copo de 50 ml,

(1) «O grau de estabilidade da estrutura, que é relativamente elevado nos solos incultos, torna-se bastante menor nos solos cultivados, motivo porque muitas práticas agrícolas, têm por objectivo a conservação duma estrutura favorável» J. V. Botelho da Costa (Apontamentos de Física Agrícola).

(2) Descrição cedida pelo eng. agr. A. Antunes da Silva. Os nossos sinceros agradecimentos.

com 6 cm de altura de água destilada». (fig. 12).

«Determina-se o tempo que levam a desagregar».

| Tempo de desagregação | Grau de estabilidade |
|------------------------|----------------------------|
| menos de 3 minutos | A. Completamente instáveis |
| 3 — 30 min. | B. Instáveis |
| 30 min. — 6 horas | C. Quase estáveis |
| 6 horas — 24 h ou mais | D. Estáveis |

A instabilidade dos agregados cria condições de má permeabilidade e facilita os fenômenos erosivos.

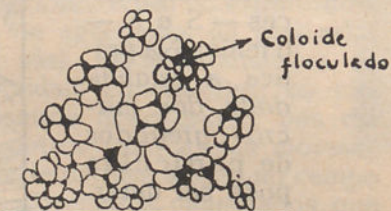
«A boa estabilidade exprime a permanência do estado estrutural... Quando a estabilidade é má é impossível obter uma boa estrutura porque os factores climáticos causam rapidamente a sua desagregação; há compactação e má exploração pelas raízes» (R. Gras e J. Oudard, obra cit.).

Os materiais cimentantes coloidais (argila e humus) podem manter-se *floculados* (coagulados) ou no *estado disperso* (não *floculado*). Neste último caso, tratando-se de solos argilosos, há *compacta-*

Fig. 13

Estrutura grumosa

(Esquema segundo Duchaufour — Pédologie)

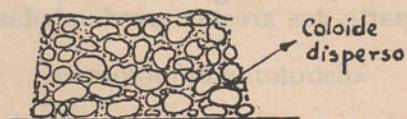


ção, abatimento, redução de porosidade e impermeabilidade ao ar e à água.

Na prática pode avaliar-se o *estado de floculação* (ou de dispersão) dos *colóides* introduzindo uma pequena porção de terra, num tubo de ensaio, contendo água destilada e agitando vigorosamente. No caso de *floculação* ou *coagulação* nota-se, deixando o tubo em repouso, passado pouco tempo, a deposição lenta de pequenos flocos ou agregados de partículas, no fundo do tubo de ensaio, tendendo a

água para a limpidez. Tratando-se dum colóide *disperso* a água mantém-se turva e não se observa aquela coagulação.

Fig. 14
Sem estrutura



(Esquema segundo Duchaufour — Pédologie)

Compacidade. Porosidade. Consistência

Compacidade. Aprecia-se pela maior ou menor resistência encontrada cavando com um sacho as sucessivas camadas dum perfil. Regista-se usando as seguintes designações: *muito compacto, compacto, levemente compacto, solto.*

Porosidade. Retirando um certo volume de terra (por exemplo 1 decímetro cúbico) uma parte deste é preenchido por *partículas sólidas*; a parte restante por *ar e água.*

Designa-se por *porosidade total* o volume não ocupado pelas partículas sólidas, isto é, a soma dos volumes preenchidos pelo *ar e água.*

$$\text{Porosidade total} = \text{teor de ar} + \text{teor de água}$$

Nos *solos estruturados* há que distinguir a *macroporosidade* (maiores poros) da *microporosidade* (poros mais pequenos). Por exemplo, numa *estrutura grumosa* os espaços existentes em redor dos agregados, por onde se opera a circulação livre da água (permitindo a infiltração da em excesso) e do ar, correspondem à *macroporosidade*; a *microporosidade* aos pequeninos espaços intersticiais, dentro de cada agregado, utilizados como reserva de água.

As *terras arenosas*, formadas por areias móveis (sem estrutura) têm valores de porosidade baixos, em virtude das partículas serem na sua maior parte grossas, fraca a proporção de elementos finos e não formarem agregados. Nas terras de *estrutura maciça* a porosidade apresenta, também, valores baixos.

As *terras argilosas*, bem estruturadas, têm em regra valores de *porosidade ele-*

vados, o mesmo sucedendo nas terras ricas em matérias orgânicas chegando estes, nas terras turfosas, a ultrapassar 80 o/o.

Nas *terras estruturadas a porosidade* é condicionada pela forma e dimensão dos agregados. «Por exemplo, um solo formado por um conjunto de elementos nunciformes (1) de 1 cm de diâmetro terá uma porosidade maior e melhor repartida do que um solo formado por prismas (2) de 20 cm de altura, engrenados uns nos outros». M. Gras (Arb. Fruit. n.º 95, Jan., 1962).

Dos exemplos dados sobressai que a *porosidade* depende da *estrutura* (principalmente), *textura* e *proporção de elementos grosseiros*. Varia com o estado de *compactação* e *mobilização do solo*.

Numa terra o volume de *ar* existente varia na razão inversa do volume preenchido pela *água*. O solo pode manter-se *saturado* de água, todos os espaços preenchidos em consequência, por exemplo, da elevação da toalha freática (existência duma camada impermeável) e a *água livre* não circula. Neste caso o volume ocupado pelo ar é praticamente nulo e o solo não é explorado pelas raízes, devido à falta de arejamento. Produzem-se, então, graves fenómenos de asfixia, em certos períodos críticos, como na Primavera.

Se a *água circula livremente*, havendo boa drenagem, o solo retém apenas a correspondente à sua *capacidade de campo* (C_c). Uma parte importante desta pode ser cedida às árvores e designa-se por *capacidade de utilização* (C_u). Neste caso o *ar* ocupa certo volume, fornecendo o *oxigénio* indispensável à respiração das raízes e à actividade microbiana aeróbia.

«A porosidade pode encontrar-se repartida duma forma desigual. Quando uma terra abre fendas a sua porosidade aumenta, mas trata-se de descontinuidades grosseiras. Os blocos assim formados podem ficar compactos e impenetráveis às raízes devido à falta de arejamento».

«Num terreno compacto as raízes localizam-se nas fendas e galerias, deixadas pela passagem de vermes ou constituídas

no lugar de antigas raízes». Henin, S. (Influence des facteurs physiques sur l'enracinement des arbres fruitiers., B. T. I., 1956).

Na descrição da *porosidade* deve indicar-se se se trata de terra *muito porosa*, *medianamente porosa* ou *pouco porosa*.

Consistência. Usa-se para indicar o grau de *coesão* ou de *adesão* que existe entre as partículas e a resistência da terra a desfazer-se em agregados, quando apertada entre os dedos (resistência que o solo oferece à deformação ou ruptura).

A *coesão* varia, em larga medida, com o tipo de *estrutura* e depende do *teor de humidade*.

Segundo Godinho Gouveia (trab. cit.) «A consistência respeita tanto à adesão



Fig. 15—Coesão é a força atractiva que se exerce entre as partículas dum agregado; *adesão* é força atractiva que tende a unir as partículas de agregados diferentes (A e B)

que existe entre os agregados naturais (ou estruturais) como à coesão que existe entre as partículas dentro do agregado».

«Nos solos sem estrutura a consistência pode apenas corresponder à coesão das partículas do solo visto que não há agregados».

Indica-se a seguir alguns dos termos de classificação da consistência usados pelo eng. Godinho Gouveia «Normas para preenchimento dos verbetes. Exame de perfis».

Classificação da consistência no caso dum solo seco

«Toma-se uma amostra não alterada (ou um agregado, no caso de um solo bem estruturado) do horizonte ou camada e tenta-se quebrá-lo à mão. Adoptar-se-ão os termos seguintes».

«Solta — Sem coesão».

«Branda — Muito frágil, quebra-se muito

(1) «Agregados «sólidos», arredondados, de dimensões variando entre 6 mm e 2,5 cm». (J. V. Botelho da Costa, Reconhecimentos Agrológicos).

(2) Estrutura prismática.

A UREIA

Elementos para o seu conhecimento

TENDENDO a desenvolver-se no mercado nacional a utilização da ureia julgamos oportuno fornecer aos nossos leitores alguns elementos sobre este adubo de modo a habilitá-los na escolha do adubo azotado mais indicado para cada caso, à sua conveniente utilização.

A ureia foi primeiramente identificada na urina humana em 1773 por um químico francês — Rouelle. Cada litro da urina do homem pode conter até um máximo de 30 gr de ureia, constituindo um residuo dos alimentos azotados.

Por sua vez, Woehler, químico alemão, conseguiu, em 1828, fazer a síntese da ureia, isto é, a sua obtenção por meios artificiais: isomeração do isocianato de amónio pelo calor.

Antes de se fabricar a ureia, em 1920, por combinação do anidrido carbónico

fácilmente, resolvendo-se em pó ou grão simples».

«*Levemente dura* — Desfaz-se facilmente quando apertada entre o polegar e o indicador».

«*Dura* — Quebra-se com as mãos, mas dificilmente quando apertada entre o polegar e o indicador».

«*Muito dura* — Quebra-se dificilmente com as mãos; impossível de quebrar quando apertada entre o polegar e o indicador».

«*Extremamente dura* — Não pode ser quebrada com as mãos».

A classificação da consistência no caso do solo húmido é mais difícil de determinar e por isso não se faz qualquer referência. (*Continua*)

(CO₂) com o amoníaco (NH₃) recorreu-se, já em escala industrial, à hidrólise ácida da cianamida cálcica.

Embora o processo hoje utilizado seja ainda baseado no anidrido carbónico e no amoníaco, só recentemente a ureia se tem divulgado bastante por terem sido vencidos os seguintes inconvenientes iniciais: alto preço, concentração demasiado alta para as adubações então usadas, difícil conservação e espalhamento devido à sua higroscopicidade.

O aperfeiçoamento dos processos de fabrico permitiram baixar os preços⁽¹⁾ e melhorar as condições físicas de modo a permitir uma boa conservação e distribuição.

Tanto o amoníaco como o anidrido carbónico são obtidos a partir de produtos petrolíferos e são combinados em autoclaves a 180° e a uma pressão de 200 kg/cm². Obtida sob a forma de uma solução, a ureia, é primeiramente concentrada no vácuo e, depois, pulverizada do cimo de uma alta torre com 45 m de modo que as pequenas gotas durante a queda tomam a forma de pequenas pérolas, seguindo então para o armazém.

Obtém-se nesta altura um produto com as seguintes características:

| | |
|---------------------------|---|
| Fórmula química | CO (NH ₂) ₂ (diamida carbónica) |
| Teor do azoto | 45 o/o |
| Peso moléculár | 60 |
| Cor | branca |

(1) Actualmente o preço da ureia é o mais barato do mercado.

| | |
|-----------------------|---------------------------------|
| Solubilidade. | 84 kg/100 l de água a 10°-C |
| | 105 kg/100 l de água a 20°-C |
| Densidade aparente. . | 0,7 aproximadam. |

Além destas características é também importante o teor de biureto que é um produto fitotóxico que se forma durante o seu fabrico. Convém portanto que o seu teor seja sempre baixo, o que modernamente já se consegue. O teor de biureto tem mais importância no caso das pulverizações foliares convindo que seja inferior a 1% ou, de preferência, 0,25 a 0,5% (1).

Normalmente, a ureia existente no mercado serve perfeitamente para as aplicações foliares desde que se sigam as doses indicadas.

As características mais destacadas da ureia são:

Alta concentração — 45% de azoto, contra 20 ou 26% dos restantes adubos sólidos do mercado, pelo que é o adubo sólido mais concentrado.

Baixa densidade aparente — 50 kg de ureia ocupam um volume de 75 a 80 litros. Esta característica atenua o possível inconveniente da dificuldade de distribuição manual devido à alta concentração.

Não é corrosiva — não ataca o equipamento nem a pele, pelo que é bem aceite pelo pessoal.

Granulação — o fabrico da ureia em «pérolas» permite uma boa conservação e distribuição no campo.

A sua **compatibilidade** com os adubos existentes no nosso mercado é a seguinte:

a) Pode misturar-se com grande antecipação com o sulfato de potássio.

b) Deve aplicar-se no prazo de 2 dias após a mistura com o Superfosfato 42% granulado ou o Fosfato Thomás.

c) Deve aplicar-se no próprio dia da mistura com o Cloreto de potássio.

d) Não é aconselhável a mistura com o Superfosfato de cal de 18%.

Verifica-se portanto que, apesar de

algumas limitações, a ureia se pode misturar com os adubos fosfatados e potássicos, especialmente os mais concentrados.

O **comportamento da ureia no solo** é bastante interessante pois que inicialmente o seu azoto é arrastado pela água como se se tratasse de um nitrato mas posteriormente é fixado pelo solo como acontece com os adubos amoniacais. De facto o azoto da ureia encontra-se sob forma amidica na qual é facilmente arrastado pela água, mas em contacto com a urease (enzima excretado por bactérias e, possivelmente, fungos existentes no solo) hidroliza-se dando origem a carbonato de amónio que por sua vez se decompõe em anidrido carbónico e amoníaco (as substâncias iniciais do fabrico) sendo este último fixado no solo pelo complexo de absorção ou argilo-húmico. Posteriormente o azoto amoniacal é transformado em azoto nítrico.

Verificam-se portanto 3 fases na transformação do azoto da ureia até ao azoto nítrico (forma em que, mais geralmente, é absorvido pelas plantas):

— difusão no solo (o azoto amidico distribui-se no solo);

— hidrólise (o azoto amidico passa a amoniacal).

— nitrificação (o azoto amoniacal transforma-se em nítrico).

Para que a ureia sofra estas transformações convém que na altura da sua aplicação o solo tenha humidade suficiente e que a temperatura não seja demasiado baixa. A presença de matéria orgânica favorece também o fenómeno da hidrólise: em solos bem providos ao fim de 2 a 3 dias está realizada enquanto nos mais pobres demorará 7 a 8 dias; em média pode considerar-se um periodo de 4 dias.

Sempre que o tempo esteja seco e se trate de solos arenosos e calcários convém enterrar a ureia ainda que superficialmente.

Esquematisando, a ureia pode ser utilizada pelos seguintes modos:

- à sementeira (adubações de fundo);
- em cobertura (superficialmente);
- em pulverizações foliares.

Passando em revista algumas das nos-

(1) Quando não se conhece a ureia adquirida convém fazer uma pulverização prévia, numa pequena área para verificar a sua qualidade.

sas principais culturas indicamos as possibilidades de emprego da ureia:

Milho — 150 a 200 kg/ha, à sementeira, misturada com superfosfato 42% ou fosfato Thomás. Em cobertura pode aplicar-se 100 a 200 kg/ha em 1 ou 2 vezes.

Arroz — Em fundo pode aplicar-se 75-150 kg de ureia/ha, misturada com um adubo fosfatado, de preferência enterrada 3 a 5 dias antes do alagamento. Em cobertura: 50 a 100 kg/ha, sempre que possível depois de retirada a água.

Batata — Misturada com o superfosfato 42% pode ser empregada em doses de 100-200 kg/ha.

Em aplicações foliares pode aplicar-se até uma dose de 20 kg/ha, misturada com as caldas fitossanitárias.

Vinha — Pode-se aplicar no solo substituindo os outros adubos azotados ou então por meio dos tratamentos fitossanitários (sobretudo no caso de vinhas fracas) nas seguintes doses:

— Antes da floração — 0,6-0,7 kg de ureia/100 litros/calda.

— Depois da floração — 1-1,5 kg de ureia/100 litros/calda.

Neste caso pode adicionar-se também superfosfato 42% ou sulfato de potássio nas doses de 200 a 500 gr/100 litros de água.

Trigo — Em mistura com adubos fosfatados pode aplicar-se em fundo na dose de 50-100 kg/ha.

Ao afillamento, as coberturas podem atingir os 100 kg/ha conforme a dose aplicada à sementeira.

Misturada com os herbicidas aplicados por via líquida podem aplicar-se até 50 kg de ureia por hectare, num volume total de 200 a 250 litros de calda.

Em conclusão a ureia é um adubo relativamente velho de expansão recente cujas características têm bastante interesse para o agricultor: grande concentração, baixos preços, aplicação cómoda e económica, possibilidade de aplicação em todas as culturas e por diferentes processos.

Subsídio para

O tratamento da Mixomatose

O colega Raymundo Fradinho, apresentou na Sociedade de Ciências Veterinárias, em 22 de Março do ano em curso, um trabalho com o título acima indicado.

Embora se fundamente apenas em dois casos clínicos, o autor tira conclusões sobre a eficácia do tratamento por ele ensaiado com êxito.

O fármaco empregado é a urotropina (hexametilenatetramina).

Vamos transcrever na íntegra o modo de administração:

— «De Verão: dissolve-se a urotropina — cinco decigramas por individuo e por dia, em 500 gr de água. A ração alimentar será exclusivamente constituída por aveia. Esta ração seca provoca bastante sede.

Nem sempre esta quantidade de água é suficiente para matar a sede a um coelho. É uma média. A ingestão de água concorre para a drenagem, chamemos-lhe assim, da massa sanguínea. De resto, é o que aconselha a literatura do medicamento.

De Inverno: sendo menor a necessidade de ingerir líquidos, temos que retirar a comida à noite e de manhã fornecer a urotropina juntando-a a uma relativamente pequena quantidade de sêneas, não deixando de proporcionar aveia à descrição.

(— A eliminação de crostas facilita-se prontamente com a aplicação de aldeído fórmico a 1% em pomada).

Fez-se esta administração durante três semanas ao fim das quais os doentes já tinham óptimo aspecto, apenas com uma pequena depilação no focinho que passava despercebida.

Esperamos que os leitores da Revista, interessados no assunto sigam estas normas, e posteriormente nos comuniquem os resultados obtidos.

Carrilho Chaves.

Árvores e madeiras de Portugal

VII—VIDOEIRO

Por ALBINO DE CARVALHO
Eng. Silvicultor

Introdução

Na sequência dos artigos que sob o título em epígrafe vimos há tempos publicando nestas colunas, cabe hoje tratar de uma espécie certamente desconhecida de muitos dos nossos leitores, mas, contudo, bem portuguesa, fazendo parte da flora climática de grandes extensões do território metropolitano. Trata-se do Videiro, cientificamente denominado *Betula celtiberica* Rothm, et Vasc., identificado como espécie nova do género *Betula* em 1940 por ROTHMALER e CARVALHO e VASCONCELLOS.

Não surpreende, efectivamente, que esta árvore tenha passado despercebida, tal a sua envergonhada existência nas mais inhóspitas e inacessíveis serranias do País, para resistir à ameaça de destruição que lhe moveram o homem e a cabra. Bem tarde se reconheceu o seu valimento como essência florestal de grande utilidade. Justo é que se diga que a reabilitação se deve exclusivamente aos serviços oficiais, a tal ponto de hoje o Videiro ser uma das espécies mais empregadas na rearborização dos baldios das mais altas serras do território, nomeadamente da Estrela, do Gerês, do Marão, da Cabreira, do Larouco, do Soajo, do Barroso, etc.. A preferência foi, contudo, amplamente justificada e compensada, como o comprovam os bons resultados conseguidos na colonização dos terrenos

mais ingratos onde, verdadeiramente, só uma espécie missionária lograria vingar.

Continuará, decerto, a ser utilizada em larga escala, já que constitui um valiosíssimo auxiliar do silvicultor; entretanto, porém, e por isso mesmo, importa pensar no aproveitamento da riqueza que representa. Se, muitas vezes, apenas por mérito florestal a sua escolha é indiscutível, não pode menosprezar-se o valor económico dos produtos que fornece. Nos apontamentos que se seguem procuraremos, pois, contribuir para a melhor apreciação das qualidades do generoso Videiro.

Características botânicas

O Videiro é uma árvore de porte mediano, atingindo na idade adulta 10 a 15 metros, raramente ultrapassando os 20 metros de altura. O tronco é direito, mas com frequência vestido de ramificação em grande parte.

A casca é bastante característica, amarela-esbranquiçada ou quase branca e profundamente fendida na base do tronco das árvores adultas, e tipicamente branca e lisa nas porções superiores, bem como nos ramos e no fuste das plantas novas. O ritidoma que chega a atingir invulgar brancura, desprende-se circularmente em lâminas papiráceas; é atravessado como que em riscos por porções

castanhas — as lenticulas — que vão aumentando com a idade.

A copa é medianamente desenvolvida mas muito clara, provocando um coberto pouco denso. Os ramos são obliquamente ascendentes, e os raminhos mais ou menos pendentes.

As folhas são sub-coriáceas, rombóide-ovadas, agudas ou levemente acumi-



Vidoeiro na juventude. Serra do Marão

nadas, verde-escuras na página superior e pàlidamente glaucescentes na inferior, com $3,5-6 \times 2,5-5$ cm. Têm, assim, uma forma vagamente triangular, com base larga e ápice agudo, com recortes mais ou menos fundos que desmancham a regularidade. São pubescentes quando novas, mantendo ainda alguns pêlos quando adultas, sobretudo na página inferior, junto às nervuras. Rebentos não verrugosos com lenticulas.

O Vidoeiro é uma planta monóica.

Os amentilhos masculinos aparecem antes da folheação e os femininos surgem ao mesmo tempo desta. Contudo, aqueles apenas abrem na Primavera. São terminais ou laterais, esguios e pendentes, 1-3 fasciculados e formados por flores com perianto inteiro e 2 estames biforcados, cada um dos ramos com metade da antera (1 lóculo). Os amentilhos femininos (frutíferos) são cilíndricos, patentes ou pendentes, com $2,3 \times 0,6-0,8$ cm, pedúnculo delgado de 1-1,5 cm de comprimento, com brácteas 3—lobadas, glabras ou marginalmente pubescentes, com o lobo central lanceolado-obtusiusculo e os laterais menores e arredondados. São solitários e desarticulam-se na maturação, libertando assim as sementes. Estão inseridos em gomos foleares especiais.

Os frutos são sâmaras de forma obovada-oblonga, com asas largas e transparentes, em número de 3 na axila de cada escama. As sementes são extremamente leves e facilmente arrastadas pelo vento para grandes distâncias; é esta uma das causas do poder colonizador da espécie. Acontece, ainda, que sendo a floração muito precoce, a maturação rápida e temporã a disseminação das sementes (fins de Junho), tudo contribui para simplificar a propagação.

As sementes têm um coeficiente germinativo de cerca de 30%, mas perdem em pouco tempo a faculdade de germinar. Por isso, convém estratificá-las após a disseminação.

Falta descrever o sistema radicular que é muito restricto, compreendendo um espigão pouco desenvolvido, 2 ou 3 raízes principais oblíquas e abundantes raízes laterais finas.

Os Vidoeiros não são árvores de grande longevidade, mas podem atingir 100 a 120 anos. A produção de sementes verifica-se dos 7 aos 15 anos, começando a regeneração natural mais tarde. Trata-se de uma essência de crescimento rápido sem que, contudo, atinja grande desenvolvimento.

Resta acrescentar que o coberto apesar da folhagem abundante é muito claro, permitindo a formação de abundante sob-bosque.

Ecologia e desenvolvimento

O género *Betula* compreende espécies essencialmente boreais e montanhosas; são as únicas Folhosas presentes na floresta resinosa do Norte da Rússia e dos

países Escandinavos até ao círculo polar. Abundantes nessas regiões, encontram-se, porém, na Europa Meridional, particularmente nas terras altas, acima mesmo dos 2000 metros. São, portanto, espécies típicas de climas temperado-frios e húmidos, embora bastante indiferentes à natureza mineralógica do solo, conquanto seja leve e fresco. Possuem temperamento robusto.

Em Portugal, a *Betula celtiberica* é espontânea nas serras da Estrela, Lousã, Montesinho, Marão e noutras do Norte,



Magnífico povoamento de Vidoeiro. Serra do Gerês

De certo modo, a distribuição ecoló-

gica das Bétulas assemelha-se à da Faia, existindo sobretudo onde o índice de aridez é suficientemente elevado.

aparecendo em pequeno núcleo isolado na Mata da Foja. Surge sobretudo nas margens dos cursos de água e nas encostas pedregosas e húmidas, em terrenos de vária natureza desenvolvendo-se mesmo nos pobres e secos, embora com dificuldade.

As Bétulas não constituem, em regra, florestas densas; são essencialmente colonizadoras de «estações» desnudadas, mesmo incendiadas, e de locais vazios;

esta propriedade explica-se pelas exigências ecológicas que são fundamentalmente três: extrema frugalidade; grande exigência de luz; e fraca resistência à concorrência de outras espécies florestais. A sua notável plasticidade permite adaptarem-se a quase todas as condições de solo, seco ou húmido, calcário ou silicioso, rico ou pobre, desde que a humidade atmosférica não seja muito baixa; caso contrário, refugiam-se de preferência nos solos siliciosos frescos. É sobretudo nestes, quando não sofre a concorrência de outras espécies, que podem mostrar-se relativamente invasoras. São ainda capazes de se adaptarem aos solos podzólicos muito ácidos.

Reconhece-se, assim, que o Videeiro é uma essência preciosíssima do ponto de vista florestal, tanto pela sua rusticidade como pela notável característica de possibilitar a reconstituição progressiva do solo graças ao húmus doce de rápida decomposição que forma. Por outro lado, a sua copa ligeira e regular deixa filtrar uma luz favorável ao desenvolvimento do sob-bosque e das espécies medianamente umbrófilas.

Cultura

O Videeiro propaga-se essencialmente por semente; contudo rebenta de toíça, mas não emite rebentos de raiz.

A semente é, como vimos, muito leve; um quilograma contém cerca de 1 1/2 milhão de frutos. Conserva-se dificilmente por mais de um ano, sendo a melhor forma de a conseguir proceder à apanha dos amentilhos frutíferos nos meados de Setembro, antes de se desarticularem, lançando em canteiros os conjuntos das brácteas e sâmaras e cobrindo-os como uma pequena camada de terra de 1 a 1,5 mm de espessura.

Dissemos ser o Videeiro espontâneo em algumas serras portuguesas e de facto assim é, mas em áreas muito restrictas, como acontece na Estrela, onde se encontra naquele estado apenas na região dos Cântaros, em locais inacessíveis ao gado. Os Serviços Florestais, contudo, têm-no empregado bastante no revestimento das serras; no decénio de 1950-59;

foram plantados mais de 6 milhões de pés! É curioso referir que, juntamente com as Quercínias e o Castanheiro, constitui o grupo mais vultuoso das arborizações serranas, exceptuando, como é evidente, o Pinheiro bravo.

Tanto aparece em povoamentos estreitos, como em consociação com outras espécies, sobretudo resinosas, como se observa nas matas dos Covais, das Penhas Douradas e do Poço do Inferno no Perímetro Florestal de Manteigas, em quase todas as ravinas onde pode dispor de solo rico e húmido.

Trata-se de uma espécie com área de expansão muito vasta, podendo subir sem dificuldade aos 2000 metros: é, pois, de toda a vantagem a sua utilização em mais larga escala. Os resultados obtidos são sobremaneira encorajadores. Por outro lado, a sua aptidão para se adaptar aos solos «podzozizados» é valiosíssima, podendo aproveitar-se para juntamente com o Lariço (*Larix decidua* Miller) promover a arborização das «cervoeiras» e de outros terrenos análogos.

Também nas serras do Marão, do Gerês e outras, o Videeiro revela o mesmo interesse; em quase todas elas se preconiza na arborização. Existem já numerosos núcleos dispersos pelos perímetros; em muitos deles, apesar da adiantada depreciação do solo, que se traduz pelo completo desaparecimento da vegetação arbórea, o Videeiro surge ainda e constitui bosquetes só ou com os Carvalhos, uns e outros representantes últimos da flora climax.

Outra característica notável desta espécie, é o magnífico comportamento na consociação floresta-pastagem, onde muitas vezes é acompanhada pelo Lariço.

Infelizmente não possuímos grandes matas de Videeiro; as maiores encontram-se na Serra do Gerês, onde apesar disso não ultrapassam os 25 ha. Provavelmente, porém, daqui a alguns anos o panorama será diferente, prevendo-se que o volume lenhoso produzido pela espécie tenha já representação. Então, além das indústrias tradicionais que aproveitam a madeira, é natural que outras venham a interessar-se por ela, como poderá ser o caso das de formas para calçado, de marcenaria e decoração, de

folheados e contraplacados, etc.. Compreende-se desde já o empenho com que a Estação de Experimentação Florestal se tem dedicado ao estudo tecnológico da madeira do Videiro, actividade que muitas vezes ignorada e mesmo de certo

não andemos longe da verdade se dissermos que nas serras do Norte o acréscimo anual deve ser da ordem dos 8-10 m³/ha.

A importância que tem já hoje o Videiro como árvore pioneira por excelência, justifica plenamente maior aten-



Outro aspecto de um belo povoamento de Videiro na Serra do Gerês

modo incompreendida, tem cabal justificação. Acerca deste assunto, é curioso referir que foi possível despertar a atenção de certa unidade fabril para esta madeira, a qual, esclarecida das suas características, se propunha adquirir mais de 30 toneladas por mês! E note-se que o preço do Videiro de boa qualidade é muito semelhante ao do castanho...

Infelizmente não possuímos elementos seguros que permitam uma estimativa de crescimento do Videiro. Contudo, talvez

ção para os problemas do seu melhoramento, nomeadamente da selecção da semente com vista à constituição de povoamentos capazes de fornecerem produtos de boa qualidade, preferindo-se as «raças» de rápido crescimento, mas de fuste direito, limpo de ramos e de boa conformação. Deve a este propósito salientar-se a magnífica casta de alguns núcleos existentes na Serra do Gerês e dos quais apresentamos esclarecedora documentação fotográfica. — (Continua).

UMA TENTATIVA

A «Cooperativa de comercialização e industrialização de produtos agrícolas»

PORQUE a iniciativa tem um grande interesse e uma oportunidade indiscutível publicamos a circular divulgadora da organização da **Cooperativa de Comercialização e Industrialização de Produtos Agrícolas**, em vias de efectivação na cidade do Porto.

É de destacar e com os maiores encômios, a tomada de consciência de elementos, cada dia mais numerosos, do sector agrícola, que escolhendo o caminho árduo das realizações concretas e válidas, deitam para trás das costas as lamentações estêreis, e olham o futuro dentro das realidades do moderno condicionatismo. Este aplauso, que é devido, não significa concordância total com a solução encontrada, nem que julguemos que a mesma se integre por completo nos conceitos cooperativistas.

Mas, de qualquer forma se a Lavoura tem, de facto, dimensão e atingiu a maioridade, como firmemente cremos, a solução cooperativista, projectando-se para além do campo da produção e indo deliberadamente para o da comercialização e transformação, tem que vingar e progredir. Só assim se pode defender, tomando dimensão que lhe permita, sem perigo, entrar na moderna e possivelmente fatal tendência da integração vertical.

I

Necessidade da Cooperativa de Comercialização

1. O movimento Cooperativista, dentro do campo agrícola, como forma de resolver problemas fundamentais da lavoura, tem vindo a desenvolver-se com a constituição de Sociedades Cooperativas, particularmente de produção — Adeegas Cooperativas, Lagares de Azeite Cooperativos, Cooperativas Avícolas e Frutícolas, Cooperativas de Mecanização, Cooperativas de Lacticínios.

2. Alguns Organismos e Departamentos Officiais — Junta de Colonização Interna, Junta Nacional das Frutas, Junta Nacional dos Vinhos, Junta dos Azeites — tem fornecido crédito e dado subsídios para a constituição de algumas dessas Cooperativas.

3. Até agora, todavia, o esforço agrícola cooperativista tem incidido particularmente na formação de Cooperativas de produção.

4. As Cooperativas de produção, quaisquer que sejam os seus objectivos, não podem eficientemente desempenhar as suas funções, desde que não coloquem nos grandes centros consumidores, o volume das suas produções ou não promovam a sua colocação no estrangeiro.

5. Do mesmo modo, produtores individuais de vários pontos do País, só através das Cooperativas de Comercialização e Industrialização instaladas nos grandes centros de consumo poderão fazer chegar, aos retalhistas desses centros, os seus produtos, evitando todo um conjunto de intermediários que, onerando em demasia os preços, exercem, na origem, pressões de baixa.

6. Os mercados consumidores dos grandes centros, exigem dia a dia mais produtos de alta qualidade, normalizados e embalados. O produtor isolado, desligado desses centros, afasta-se intensamente das exigências comerciais da nossa época.

7. A tendência para os pequenos lojistas das cidades serem substituídos

pelos grandes supermercados, estabelecimentos que pelo volume diário das suas transacções podem viver com menores margens de lucro, é também outra realidade.

8. O intermediário, ou cadeia de intermediários, começa a não poder satisfazer a procura em quantidade e qualidade dos supermercados urbanos.

9. Os produtores agrícolas precisam de ser informados, para orientarem as suas produções, das exigências dos mercados. Precisam de produzir disciplinadamente para venderem melhor. Deverão produzir, não o que querem, mas aquilo que o mercado de consumo reclama.

II

1) As condições de funcionamento da vida moderna exigem uma disciplina de produção e comércio;

2) Ligar a cidade ao campo, ligar o produtor agrícola, directamente ao distribuidor dos grandes centros, é tarefa que se impõe através de uma Cooperativa de Comercialização e Industrialização.

III

1. Considerando as realidades e factos acima referidos, um grupo de produtores agrícolas teve a ideia da constituição duma Cooperativa de Comercialização e Industrialização com sede na cidade do Porto, visando fundamentalmente o mercado consumidor desta cidade.

A Cooperativa será, assim, a Agência Comercial e a orientadora de produção dos seus associados.

2. Com este fim, reuniu-se, no passado dia 20 de Maio, na sala 509, do Palácio Atlântico, um grupo de produtores agrícolas, na presença de Delegados da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, da Junta de Colonização Interna, Junta Nacional das Frutas, para darem os primeiros passos no sentido da formação dessa Cooperativa.

3. Os Delegados presentes, ouvindo os produtores agrícolas, consideraram justa a ideia e prometeram transmitir aos poderes superiores, as aspirações manifestadas e que, em princípio, dentro das possibilidades dos Organismos represen-

tados e interessados envidariam os esforços precisos para garantirem a ajuda moral, material e técnica que fosse necessária.

4. Uma Cooperativa de Comercialização e Industrialização, como a que se pretende, exige, como é natural, um volume de recursos financeiros e meios materiais em grande escala. Não se compadece com situações de amadorismo. Antes mesmo de começar a funcionar pressupõe inúmeras despesas, instalações de serviços e escritórios, despesas de Constituição e Formação.

5. Tendo em conta esta realidade e tendo em atenção que subsídios, empréstimos oficiais, ou crédito da Banca Privada, não podem ser obtidos sem nada se oferecer em contrapartida, pensou-se que seria indispensável constituir um fundo de arranque da ordem de 1000 contos.

Quantia sem dúvida grande, mas mínima para os tempos que vão correndo.

6. Para atingir este objectivo, um grupo de futuros associados tomou, desde já, a responsabilidade de entrar inicialmente com a quantia individual de 30 contos. De momento são já 14.

Esta quantia de 30 contos teria de dar entrada em cofre, nas seguintes datas:

| | | |
|----------------|------------------|-----------|
| 1 de Julho | de 1965. | 5 contos |
| 1 de Outubro | de 1965. | 10 contos |
| 30 de Dezembro | de 1965. | 15 contos |

7. E' evidente que, se em vez de 1000 contos, se arranjam 1500 ou 2000, mais facilmente poderá arrancar e mais rapidamente se obterão os benefícios por que todos ansiamos.

Todas as pessoas têm muito que fazer. O tempo é-lhes escasso para os seus afazeres diários.

E' imperioso que cada qual poupe o seu tempo e poupe tempo aos outros. Temos de ser rápidos pela premência da vida. Teremos de ter um sentido perfeito da economia de tempo e de palavras.

Nota da Redacção: Toda a correspondência e adesões devem ser dirigidas a: Dr. Albano de Magalhães — Praça D. João I, 28-Sala 7 — Palácio Atlântico, Porto.

TRABALHOS

EM

JULHO

Regar, onde seja possível, tanto as oliveiras adultas como as prumagens, especialmente estas, cobrindo

NOS OLIVAIS

de mato, palha ou palhuço as caldeiras, para evitar a evaporação.

Esladroar, recorrendo de preferência à quebradura e poupando os ladrões que possam servir para encher a copa ou regularizá-la.



Semear alissos, amores-perfeitos, anémonas, begónias, bocas de lobo ou antirínios, bons-dias, calcerolárias, calêndulas, cinerárias, gerânios, lofospérmios, malvaiscos.

NOS JARDINS

Plantar heliotrópio ou falsa baunilha. Fazer bordaduras de lobélias, cufecas, hortênsias do Japão, etc..

Sachar, mondar e regar copiosamente, em especial as lântanas, as fúcsias, as calceolárias, as petúnias e as relvas, que não sejam de gramão.

Estacar e nitratar as dalias e os criântemos.

Guardar as cebolas dos jacintos e das tulipas, depois de enchutas e libertas de bolbilhos.

Tirar as rosas murchas às roseiras e

as folhas velhas aos gerânios ou sardineiras.

Aparar as relvas.



Continuar ou começar os alqueives; abarbeitar ainda para os nabais a semear em Agosto e começo de Setembro; abrir alguns restolhos; lavar as terras invadidas de grama e outras ervas daninhas e passá-las em seguida à grade de molas ou outra ou deixá-los torrar ao sol.

NOS CAMPOS

Semear milhos e sorgos para verde e ensilagem, em terra alqueivada ou gradeada ou em alguns restolhos, depois de abertos e gradados e regados se for possível e necessário.

Sachar ou amontoar e regar batatas, milho e feijão;— adubar milhos em cobertura à arrenda ou em seguida à rega. Sachar e regar meloais.

Defender os meloais do piolho e tratar os batatais mais atrasados contra o mildio.

Continuar a ceifa e a debulha dos cereais de pravana;—arrancar batata, separando a que deva ser destinada a plantação, previamente marcada no terreno; apanhar ervanços e painço, que serão atados às horas de calor para não apanharem mofo;—trilhar garrobas de-

pois do sol aquecer; — arrancar, ripar e curtir os linhos que estejam maduros; e cortar os cânhamos também já feitos.



Regar à tarde de acordo com as necessidades das plantas, a natureza do terreno e os recursos de água, mas, sempre que possível, abundantemente.

NAS HORTAS

Cuidar com particular atenção, dos alfobres de couves diversas, semeados no mês anterior e destinados às produções de Inverno, regando-os e defendendo-os do calor excessivo.

Sachar, mondar.

Defender das moléstias e pragas.

Capar e estacar ou engradar tomateiros.

Semear alface, espinafre e chicória para salada; cenoura; nabo precoce e rabanete; rapônço, cerefolho e feijão para vagem ou vaginha.

Plantar alface, couve de Bruxelas, pôros e, na Madeira tomateiros. — Mudar chicórias frisadas, escarolas, couve-flor e pôros.

Atar chicórias e escarolas, depois de levantar o orvalho.



Regar os pomares de espinho ou de citrinos assim como os bananeais e mantê-los limpos de ervas por sachas superficiais. —

NOS POMARES

Aplicar-lhes cal, que pode ser em leite, nos terrenos não calcários, ou nitratar se houver necessidade. — Cortar os ramos, em excesso, das bananeiras e limpá-las das folhas secas e das flores.

Continuar com a defesa contra o pedrado das macieiras, nespereiras e pereiras com caldas cúpricas ou dos modernos fungicidas orgânicos de síntese e contra o piolho com caldas apropriadas.

Continuar com o combate ao «bichado» das peras e maçãs.

Combater a telha ou aranha vermelha das bananeiras com pulverizações de fungicidas específicos ou com polvilhações de enxofre.

Vigiar os enxertos anteriormente feitos, encaminhando-lhes a haste principal e esladroando-os.

Quebrar os ladrões que aparecem onde não possam ser aproveitados.



Arejar durante a noite as adegas e, refrescá-las com água durante o dia.

Atestar cuidadosamente o vinho.

NAS ADEGAS

Desinfectar as vasilhas que vão ficando vazias. Começar a preparar, no tempo morto, para a próxima vindima o material de colheita e os recipientes de fermentação. — Especialmente proceder ao concerto dos utensílios de verga.



Caiar as paredes com uma calda de água (100 litros), cal viva (10 quilos) e sulfato de cobre (5 quilos) ou de qualquer produto eficaz. É desinfectar as tulhas e arcas de madeira.

NOS CELEIROS

Crivar os cereais para os separar de impurezas e reservar a larica, esvilhaca ou pedreiros para as sementeiras de pastos. — Separar já a parte destinada a futuras sementeiras.



Continuar os tratamentos preventivos contra o mildio, se o tempo aconselhar, e os curativos contra o oídio

NAS VINHAS

ou farinha, que agora é de recear, especialmente nos sítios húmidos ou baixos.

Desfolhar em volta dos cachos e ainda despampar e esladroar, mas cautelosamente.

Empar nos bardos, nas ramadas ou

latadas e nos lateiros, mas não cortar as pontas das varas como se faz nalguns sitios, porque se pode comprometer a actividade das videiras.

Terminar a redra ou raspa nos sitios mais frios e frescos.



Limpar aceiros e arrifes e vigiar atentamente para evitar a propagação dos incêndios.

Continuar a recolha da gema ou resina e o fabrico do carvão

NAS MATAS E NOS MATOS

em fornos desmontáveis ou por outra forma, mas sempre com a maior cautela, para que não se dê origem a incêndios. É de aconselhar o roço dos matos à volta das furnas, covas ou fornos.

Roçar matos para intensificar a produção de estrumes, logo que haja braços disponíveis.

Preparar terreno e abrir covas, para a próxima época de plantação.

Começa a proceder-se à colheita de sementes de diversas espécies florestais como acácias e vidoeiros.



Substituir as papas por aveia, havendo-a, na alimentação das frangas que

NO AVIÁRIO

tenham atingido 5 meses.—Distribuir muita verdura às fêmeas adultas.—Activar o crescimento dos frangos misturando, às pastas urtigas picadas.

Ir reformando as galinhas mais velhas e menos poedeiras e marcar os futuros produtores.

Limpar cuidadosamente as instalações pincelando ou pulverizando as paredes com leite de cal.

Adicionar à bebida de tempo a tempo, um pouco de ácido salicilico (2 a 3 grammas por litro).

Preparar abrigos para as horas de maior calor.

Facilitar a crise das carúnculas nos peruzinhos, juntando às papas uma mistura de canela e gengibre e fornecer-lhes

também farinha de ostras ou de casca de ovos.

Deixar em meia liberdade, depois do 2.º mês, as crias das pintadas.— Cuidar da sua alimentação nas vizinhanças da crise do vermelho e fornecer-lhe, sendo possível, ovos de formiga que especialmente apreciam e beneficiam.

Levar os gansos à pastagem de manhã e à tarde.— Proteger os patinhos recém-nascidos contra os ardores do sol, que podem provocar congestões.



Sachar com cautela ou mondar e regar, seguidamente à tardinha tanto nos viveiros de bacelo como nos de oliveiras e árvores de fruto ou florestais.

NOS VIVEIROS

Esladroar e vigiar os enxertos, estacá-los para que as hastes cresçam apumadas e mais fortes.

Defender das moléstias (mildio pedrado) e das pragas (piolho, cochonilhas, etc.).

Proteger as sementeiras e os nascidos mais recentes e delicados (oliveiras, laranjeiras, eucaliptos, etc.) contra os ardores do sol.

Preparar terriços para futuras sementeiras.



Especialmente no Norte e Centro do País, continua a extracção do mel.

Impõe-se vigiar as colmeias mais fracas, pois serão presa fácil dos ataques da «traça».

NO APIÁRIO

A elevação da temperatura ambiente obriga a garantir conveniente arejamento às colmeias, mormente às que fazem «barba», prova de que ele é insuficiente. Aconselha-se distribuir pelo colmeal vasilhas com água onde as abelhas possam com facilidade dessedentar-se.

É bom reduzir ao mínimo indispensável as visitas muito demoradas às colmeias, pois o cheiro do mel pode provocar a pilhagem.

TRUTAS NA LAGOA COMPRIDA

Por ALMEIDA COQUET

PELA notícia vinda nos jornais, foi dado conhecimento das disposições regulamentares publicadas no *Diário do Governo*, sob as quais é permitida a pesca de trutas nesta conhecida lagoa da Serra da Estrela.

O assunto é de grande interesse para os pescadores desportivos, e mais despertou a natural curiosidade dos aficionados o facto da Televisão Portuguesa ter emitido um documentário sobre a referida lagoa.

Não me parece que esta emissão da T. V. se possa pôr a par doutras em idênticos programas, como o das codornizes. A fotografia deixou bastante a desejar em muitos dos aspectos durante o rolar do carro pelas estradas da Serra, e propriamente sobre as trutas e sua pesca — embora melhor um pouco — teve o seu ponto fraco, principalmente no estado das trutas — extremamente esguias e delgadas para o seu comprimento. Pelo menos, foi isto que nos mostrou a fotografia.

Para quem, como eu e companheiros de pesca, frequentou a Lagoa Comprida em 1935, e em Agosto e Setembro pescava trutas todas muito iguais em tamanho, e com o peso de um quilo a quilo e meio, fortíssimas a combater, não pode deixar de estranhar os peixes flácidos que a Televisão nos mostrou.

Nesse tempo havia lá trutas vulgarmente conhecidas por *Salmo fario* e também Arco Iris, *Salmo Irideus*, tendo estas

duas espécies feito cruzamentos que nos davam exemplares curiosíssimos. Todas elas lutavam de igual forma, saltando fora de água durante o combate, principalmente as Arco Iris ou seus cruzamentos. Mas não eram esguias; eram largas e fortes. Mesmo depois de cansadas era preciso a rede para as tirar da água; dificilmente consentiam a mão do pescador, como agora vimos fazer.

Em que data teriam feito esta cinematografia? Estariam ainda mal refeitas da desova?

Calculo que a alimentação natural da Lagoa Comprida deve continuar a ser riquíssima como então era: além dum *plankton* admirável, principalmente tão útil para as trutas mais novas, havia milhões e milhões de pequenas rãs e «cabeçudos», de que as trutas se enchiam doidamente. Era vulgar, ao sacarmos uma truta, ela *despejar* cá para fora rãs e cabeçudos com farturas de que estava engorgitada.

Mas, do espectáculo que a Televisão nos proporcionou, há um ponto a destacar do maior interesse e que nos causa prazer: verificar-se que a Lagoa Comprida já está povoada de trutas, e tanto assim que abriu a pesca de 1 de Maio a 30 de Setembro.

Quer dizer que, embora vagarosamente os Serviços Florestais e Aquícolas vão produzindo aquilo que deles era de esperar.

Só não se compreende o limite mínimo

de 22 centímetros. Não é justo que se permita inutilizar trutas tão pequenas, quando: a) já se sabe da antiga experiência que as trutas se desenvolvem bem na Lagoa Comprida; b) a própria cinematografia de agora nos mostrou trutas com bastante mais de 22 centímetros.

Esta observação tem íntima ligação com o mínimo diário fixado a cada pescador: 10 trutas.

Para 10 trutas diárias por pescador, teria sido bom fixar nunca menos de 35 centímetros de limite mínimo. Em 1935, sem regulamento algum, o tamanho normal das trutas pescadas andava à volta de 40 a 45 centímetros, e se por acaso saía alguma mais pequena, lá ia novamente para a água, pois não era digna de figurar ao lado das outras...

Com o regulamento actual, se houver uma afluência razoável de pescadores durante os cinco meses da época fixada, receio que o desgaste no povoamento de trutas mais pequenas venha a ser demasiado.

Porque não começar com as cautelas tão de recomendar nesta primeira época?

Quando dos trabalhos em 1956 para o projecto da lei da pesca e fomento piscícola, houve logo o propósito de deixar as águas represadas para zonas de pesca reservada, portanto sob a administração dos Serviços Florestais e Aquícolas.

Muitas eram as razões que justificavam esse modo de ver, e assim, quando depois de várias alterações e emendas, baixou o projecto à Câmara Corporativa em Novembro de 1957, esta aceitou a redacção do então art. 31.º que dizia:

"As águas da Lagoa Comprida, na Serra da Estrela, e das albufeiras que armazenem águas públicas, são desde já declaradas reservas nacionais de pesca, sendo absolutamente proibido pescar

nelas por qualquer meio até que sejam publicados os respectivos regulamentos especiais".

No entanto, quando em 1959 subiu à



Para recordar o que foi a Lagoa Comprida em trutas... Foram os chamados *profissionais* que, embora possuindo licença de pesca(?), derrotaram o povoamento de trutas da lagoa, com *linhas dormentes e redes* colocadas à noite e levantadas na manhã seguinte. Que este nosso aviso-lembrança possa servir na presente ocasião

Assembleia Nacional o projecto definitivo — incontestavelmente com uma melhor disposição do articulado — a Base XXXVIII indicou:

"...que as águas DAS LAGOAS DA SERRA DA ESTRELA eram desde já declaradas zonas de pesca reservada".

Não se compreende bem esta medida para todas as lagoas da Serra da Estrela,

FOMENTO PECUÁRIO

Um importante despacho do Ministro da Economia e Secretários de Estado da Agricultura, do Comércio e da Indústria

(Conclusão do número anterior pág. 471)

e) Os preços do leite garantidos ao produtor

26. É firme intenção do Ministério da Economia permitir aos lavradores de qualquer região do País aquele preço que fomente não a produção de um qualquer leite mas aquele que obedeça pelo menos às características exigidas para o «leite de qualidade» — categoria que se situará entre o «pasturizável» e o «comum» e é criada apenas e só para ajudar a lavoura a alcançar, mais fácil e rapidamente, a meta dos 2\$30 por litro, permitindo ao mesmo tempo assegurar o abastecimento público com quantidades suficientes de leite garantidamente bom.

Por isso, muito de caso pensado se decidiu não fazer qualquer alteração dos preços mínimos em vigor para os leites «comum» e «desvalorizado», a fim de manter acentuada diferença entre estes preços e o que se garante, agora, para o «leite de qualidade». Só assim se perderão hábitos e se abandonarão processos que estão muitas vezes na raiz da pobreza do lavrador.

27. Serão pagos: a) Pelo «leite de qualidade» — 2\$30 por litro acrescido de um prémio de \$10 por litro para os produtores que, individual ou colecti-

deixando um tanto ao desbarato todas as represas do alto Cávado...

Mas assim se explica, como depois do trabalho útil dos Serviços Aquícolas povoando a Lagoa Comprida com trutas, pôde agora ser esta lagoa facultada aos pescadores desportivos.

E aqui vai um aviso, visto que sabemos bem como foi destruído o requissimó povoamento da Lagoa Comprida de 1936 em deante: — ATENÇÃO AOS FURTIVOS...

Só com uma fiscalização eficiente é que se poderá manter a Lagoa Comprida devidamente povoada. Doutra forma, se os Serviços Florestais não puderem dispor de guardas, então... tudo ficará perdido.

E' pena que se tenha caminhado tão devagar. Mas também é verdade: MAIS VALE TARDE QUE NUNCA.

vamente, instalem nos seus estábulos, sistemas de arrefecimento do leite; b) Pelo «leite comum» o preço em vigor de 1\$90 por litro; c) Pelo «leite desvalorizado» o preço em vigor de 1\$70; d) As mais valias que se verificarem nos preços do leite «comum» e «desvalorizado», por virtude de preferência a dar ao abastecimento das unidades fabris que se proponham adquirir esses leites acima dos mínimos fixados.

28. O preço estabelecido na alinea a) para o «leite de qualidade» entrará em vigor no dia 1 de Julho em todas as regiões que tiverem organizada nesse momento a sua rede de recolha e de distribuição.

29. O Fundo de Abastecimento concederá um subsídio (portanto sem repercussão no preço de venda ao público): a) de \$20 por litro de leite pasteurizado vendido para consumo directo; b) de \$10 por litro para o leite «higienizado» vendido para consumo directo em embalagens individuais hermeticamente fechadas; c) Os subsídios concedidos nos termos das alíneas anteriores deverão reverter, por inteiro, a favor do produtor; d) subsídios referidos nas alíneas a) e b) deste número entram imediatamente em vigor.

30. Os produtores individuais ou colectivos (associação de vizinhos) de, pelo menos, 20 litros de leite por dia têm o direito de exigir análises separadas para os seus leites sempre que considerem que a qualidade do produto que entregam é superior à qualidade média verificada no respectivo posto de recolha.

31. Para além das penalidades por lei applicáveis aos que adulterarem o leite fornecido aos «postos», a organização corporativa applicará, ainda, disciplinarmente, aos associados infractores, sanções que poderão ir até à exclusão temporária ou definitiva, do sistema de recolha.

32. A Direcção-Geral dos Serviços Pecuários fixará as características mínimas da categoria do «leite de qualidade». A mesma Direcção-Geral estabelecerá ainda o plano de elevação progressiva dos requisitos de qualidade, até à categoria do leite pasteurizável.

33. A Corporação da Lavoura estudará com as Corporações da Indústria e do Comércio a possibilidade de aquisição, nas melhores condições, do material necessário à ordenha, conservação e transporte do leite. Poderão ser feitos contratos com a indústria para fornecimento a longo prazo.

Os preços do material deverão ser estabelecidos a pronto pagamento beneficiando dos

descontos próprios dos fornecimentos em quantidades avultadas. Separadamente desses preços o comércio ou a indústria indicará os encargos resultantes da operação financeira de pagamento a prazo.

34. Aos pequenos produtores a organização da lavoura fornecerá o material de que necessitem para a ordenha manual, conservação e transporte do leite: a) a pronto pagamento, com todos os descontos normais em operações deste tipo; b) a prazo, que não excederá 18 meses.

Para que o produtor possa optar por esta hipótese bastará a informação favorável sobre a sua idoneidade, dada pelo chefe do posto de recolha e a assinatura do produtor dum termo de responsabilidade pelo recebimento do equipamento, onde se indicará o seu custo acrescido dos encargos do pagamento diferido.

A liquidação, pelos pequenos produtores deste equipamento poderá ser feita, por compensação com o montante do leite entregue no posto, pelo que serão abertas as contas individuais necessárias. Quando for esta a modalidade adoptada, o termo de responsabilidade pelo recebimento do material indicará a quantia que, para o efeito, será deduzida à importância do leite periodicamente entregue.

35. Os produtores de 100 litros ou mais de matéria diária poderão obter da respectiva organização da lavoura o fornecimento de material para a ordenha mecânica e para o arrefecimento do leite:

a) A pronto pagamento, beneficiando de todos os descontos normais em operações desta natureza; b) a prazo, que não excederá 5 anos, sendo, neste caso, o preço do material acrescido dos encargos da operação financeira de diferimento do pagamento mensal mediante prestações em dinheiro, compensação com o montante do leite entregue no posto e, ainda, cedência de crias ao preço corrente do mercado. Serão também abertas para estes produtores as contas individuais mencionadas no número anterior.

O recebimento do material, a liquidar pela forma referida na alínea b) anterior, revestirá a forma de contrato e nele o produtor se obrigará, além doutras condições mínimas necessárias, a não diminuir o seu efectivo pecuário sem prévio entendimento com o grémio respectivo e a segurar o seu gado nas «mútuas» cuja constituição a organização deve promover ou ainda a apresentar uma qualquer forma de garantia adequada.

36. A Comissão do Abastecimento de Leite examinará o plano que lhe for apresentado pela Corporação da Lavoura, devendo o Fundo de Abastecimento propor o ritmo possível de execução desse plano e as condições em que a organização da lavoura entregará mensalmente aos fornecedores dos equipamentos, ou aos Bancos as importâncias que lhe são devidas.

Aprovado o plano e as respectivas condições de execução o Fundo de Abastecimento dará o seu aval, quando for caso disso, às operações de crédito a realizar para o efeito pelos Organismos Corporativos da Lavoura.

O Fundo de Abastecimento participará até 50% dos respectivos encargos na liquidação dos juros a pagar pela lavoura e resultantes das operações de pagamento diferido aprovadas.

IV. Apoio técnico e financeiro à produção

37. A assistência técnica à lavoura e o apoio financeiro para a sua reorganização é constante da política do Governo no esforço que há mais de três décadas realiza, em todos os sectores da actividade, para o desenvolvimento da economia portuguesa. E no campo restrito objecto deste despacho, é de salientar, para referir só as decisões mais recentes, que na vigência do II Plano de Fomento foi iniciada uma campanha de fomento pecuário, visando a assistência técnica à produção e o apoio financeiro à organização ou reorganização das explorações naquele sentido. O Plano Intercalar de Fomento encerrou a questão, ainda com maior largueza, nos dois aspectos em causa e as verbas constantes do Orçamento do Ministério e do seu plano de acção para o ano corrente (nomeadamente o reforço da capacidade de empréstimo do Fundo de Melhoramentos Agrícolas) dão conta da continuidade de acção do Governo neste sector da actividade agrícola.

Ao retomar agora o problema e ao tentar resolvê-lo na mira do mesmo objectivo, o Ministério da Economia procura acelerar o fomento pecuário pela articulação, tão perfeita quanto as circunstâncias o permitem, de duas acções simultâneas e convergentes — uma, dirigida aos preços dos produtos fundamentais e à sua garantia, outra desenvolvendo-se no campo da melhoria das técnicas da produção e das facilidades de crédito à lavoura para que possa introduzir efectivamente essas técnicas nas suas explorações.

A este aspecto se refere este capítulo do presente despacho.

E, retomando a acção anteriormente programada, apenas se entendeu fazer a sua revisão concentrando os meios técnicos e reforçando as disponibilidades financeiras inicialmente previstas nas acções que mais directa e rapidamente atinjam os objectivos do fomento pecuário.

Este reforço em matéria de assistência técnica e do apoio financeiro à reconversão das explorações agro-pecuárias (a crescer àquele que já foi referido nos capítulos II e III) ganha, agora todo o seu sentido e surge uma condição essencial do êxito da campanha: é que a lavoura, segura dos preços de dois dos produtos estratégicos da produção pecuária — a carne e o leite — não sentirá, mais a incerteza que tinha até aqui, quanto à utilidade do seu esforço e a rentabilidade do seu investimento; e, por isso, solicitará o maior apoio técnico e todas as facilidades de crédito que, as circunstâncias da vida nacional, permitam dar-lhe.

38. O plano de apoio técnico e financeiro à produção tem de se processar em diversos sentidos e sectores. Entre estes, adquirem particular relevância a intensificação da produção forrageira — base em que assentará o aumento de efectivos animais e a elevação das suas produções — o melhoramento das diferentes espécies e raças criadas e exploradas no País, a luta contra as principais epizootias, a investigação científica aplicada e a formação profissional.

Todo este conjunto de acções será, como se disse, apoiado no crédito e na intensificação da assistência técnica e da vulgarização.

39. No sector da produção animal própria-

mente dita, terá de se actuar, sobretudo, no desenvolvimento da criação de bovinos, ovinos, suínos e animais de capoeira, por serem estas as espécies que maior contribuição podem dar para colmatar os «deficits» tradicionais de carne e de leite da população portuguesa e, simultaneamente, para o conveniente aprovisionamento das indústrias que têm como matérias-primas os produtos animais.

Nestas espécies, a criação bovina adquire particular importância, devendo por isso ser intensificada a cria e recria, não só para aumentar o efectivo em reprodução, como também para elevar o peso médio dos animais no momento do abate.

Mediante revisão e ajustamento dos orçamentos dos serviços centrais do Ministério, dos Fundos e dos Organismos de Coordenação Económica foi possível reforçar a capacidade de crédito inicialmente prevista para o estabelecimento de prados, para a aquisição de reprodutores e, ainda, para financiamento das operações de recria e engorda de bovinos adolescentes.

Com efeito, além dos problemas de abastecimento que se encontram em causa, não se poderá esquecer que, perante o empobrecimento a que o solo foi conduzido através de séculos de cultura nem sempre a mais aconselhável, e tendo em conta a instalação de novos perímetros de rega, os gados têm de surgir não só como aproveitadores e valorizadores de culturas forrageiras que nos ciclos culturais imperiosamente serão introduzidas, mas também como fonte de matéria orgânica indispensável à melhoria da estrutura e da produtividade do solo.

Nos perímetros de rega, onde se conta com cerca de 50 por cento de área para produção forrageira em regime de cultura intensiva, será possível implantar elevados efectivos bovinos, especialmente de castas leiteiras, que, além do leite, darão larga contribuição para o melhor abastecimento de carne, quer a partir dos animais de reforma, quer ainda dos vitelos masculinos que poderão economicamente ser recriados até 500 quilogramas de peso vivo.

Prevê-se ainda que nos regadios seja ultimada a recria e engorda de vitelos cruzados, provenientes de raças autóctones e de etnias estrangeiras especializadas na produção de carne.

Simultaneamente, e de uma maneira geral, considerar-se-á o melhoramento selectivo das nossas principais raças bovinas, constituindo-se também núcleos de raça de origem estrangeira com vista principalmente à produção de reprodutores para cruzamentos.

40. Dado o aumento substancial que, neste despacho, se determinou do preço do «leite de qualidade» a que crescerão, ainda, as melhorias de preço do leite industrial originada na preferência a dar ao abastecimento das unidades fabris que pela sua capacidade técnico-económica possam pagar o leite acima do mínimo fixado, receia-se uma exagerada pressão, no mercado, da procura de bovinos de leite. Se tal acontecesse, e uma vez que a oferta não está em condições de responder a tal aumento da procura, sucederia que a lavoura iria pagar preços desproporcionais pelo gado de leite, perdendo, por esse facto, parte, senão a totalidade, da mais valia que lhe é agora oferecida no preço do leite.

Para evitar os riscos desta situação, o Ministério da Economia está a estudar as possibilidades de importação de gado de leite que venderá à lavoura. Com esta importação, ao mesmo tempo que se procurará manter preços no mercado que traduzam razoável equilíbrio entre a procura e a oferta, contribuir-se-á também para a melhoria imediata da qualidade do efectivo leiteiro.

Se esta operação tiver viabilidade, como se espera, e se a procura exceder, o número das novilhas importadas, no rateio a efectuar os serviços terão em conta, para além de outras condições, a localização, a capacidade e a organização das explorações agro-pecuárias a que essas novilhas se destinem.

41. Em matéria de OVINICULTURA, será intensificado o melhoramento das populações merinas do Sul do País para maior produção de carne e de lã, e dedicar-se-á a melhor atenção aos efectivos das zonas do Norte e Centro do País, bem como à região saloia, com o objectivo de se fomentar a produção de queijo, produto que se procurará padronizar para melhor valorização tanto no mercado interno como no mercado externo. Também, e sem prejuízo dos tipos de lã que se revestem do maior interesse para o País, recorrer-se-á à produção de animais cruzados, através da utilização de reprodutores de raças especializadas na produção de carne, medida que, simultaneamente, poderá contribuir para o aumento das disponibilidades em carne e para a melhoria da qualidade das carcaças, aspectos que muito importa ter em conta, dadas as possibilidades que se nos têm oferecido em matéria de exportação.

42. A nossa PRODUÇÃO SUÍNA é ainda, em grande parte, baseada em efectivos de baixa produtividade, e, sobretudo, afastada das actuais tendências do mercado que exige animais produtores de carcaças com alta relação carne/gorda. Nestas circunstâncias impõe-se modificar o facies da suinicultura nacional, no sentido de generalizar a criação de raças de carne — tipo Large White — e, também, modificar substancialmente as condições de exploração, facto da maior importância e que trará reais vantagens, inclusivé de ordem sanitária.

43. Por último, cabe falar da exploração das pequenas espécies, e particularmente da AVICULTURA, sector que é já hoje uma realidade e que dará larga contribuição à melhoria da dieta alimentar em produtos de alto valor nutritivo, como sejam os ovos e a carne. De facto, tem-se observado nos últimos anos acentuada expansão deste ramo de actividade, especialmente no domínio da produção de «broilers», cuja aceitação pelo consumidor aumentou em ritmo acelerado.

Nesse sentido, será intensificada a produção de pintos do dia a partir de estirpes de alto valor genético e dos tipos mais ajustados às necessidades do mercado, acção que terá como reflexo reduzir substancialmente as importações que se têm realizado e trará indiscutíveis vantagens de ordem económica e sanitária.

44. Para a execução dos objectivos e planos enunciados, importa dar o maior desenvolvimento às práticas e técnicas que possam fornecer poderoso auxílio ao melhoramento animal. Estão neste caso o aperfeiçoamento de todo o dispositivo relacionado com a reprodução, designadamente a luta

contra a esterilidade, a produção de reprodutores qualificados e a utilização na mais larga escala da inseminação artificial, método do maior interesse, tanto do ponto de vista do melhoramento zootécnico propriamente dito, como do da profilaxia de diversas enfermidades responsáveis todos os anos por muitos milhares de contos de prejuizos.

Com vista ao alargamento da inseminação artificial, serão não só intensificados os trabalhos no Centro de Estudos de Reprodução Animal, situado em Lisboa, como ainda será criado um novo centro no Porto e aumentado o número de circuitos com ordem a assegurar, por forma progressiva, a cobertura das regiões do litoral de maior densidade pecuária e a das do interior onde os regadios existentes e a instalar disponham de gados que justifiquem a aplicação do método. Conta-se, assim, elevar dentro de um ano de 12 para 40 o/o o número de vacas leiteiras a inseminar artificialmente, procurando-se ainda estender a aplicação do método a outras raças bovinas e a outras espécies animais.

45. Paralelamente à inseminação artificial, vão ser intensificados os contrastes funcionais inerentes às produções de leite, carne, ovos e lãs, e dar-se-á merecido relevo aos registos genealógicos, obra igualmente em desenvolvimento e já produzindo frutos.

46. Todos os esforços que vierem a ser realizados no domínio da produção pecuária podem, no entanto, ser seriamente comprometidos se, porventura, não se preservarem os animais de grande número de enfermidades, responsáveis quer por elevada mortalidade, quer pela diminuição substancial dos seus rendimentos.

Para lhes fazer face, prosseguir-se-á com as diversas campanhas de carácter profilático. O problema da peste suína africana, deverá continuar entre as primeiras preocupações dos serviços.

47. Os trabalhos de «Investigação Aplicada» terão também de ter larga projecção, quer nos domínios do melhoramento animal, aperfeiçoamento das técnicas de exploração e reprodução, quer no âmbito do aperfeiçoamento tecnológico dos produtos animais, quer ainda na prevenção e diagnóstico de doenças parasitárias, carenciais e infecto-contagiosas de grande incidência económica.

No melhoramento animal citam-se, entre outros, os estudos relativos à produção de carne a partir de vitelos de raças leiteiras, a produção de uma linha melhorada do porco alentejano e a síntese de uma nova raça de merinos pretos precoces.

O estudo da composição química e valor alimentar das forragens, como base para a elaboração de uma tabela de valor nutritivo das forragens nacionais, continuará a merecer a melhor atenção. Igualmente serão levados a efeito diversos estudos relacionados com as causas da infertilidade dos animais e os meios de a combater.

48. Serão postas à disposição dos serviços competentes as verbas de que provem necessitar e serem capazes de utilizar bem, em reforço das suas dotações normais, para assegurarem a mais rápida execução dos empreendimentos enunciados, não só através de realizações próprias mas também e, sobretudo, dos contactos com a lavoura nos domínios da assistência técnica, da vulgarização e da formação profissional.

MIRANTE

A propósito ainda do Ministro da Economia

Pelo Conde D'Aurora

*N*ÃO sei se os leitores repararam nas palavras pronunciadas pelo ilustre titular da pasta da Economia, na inauguração da Feira de Santarém.

Referiu-se o Dr. Corrêa de Oliveira, expressamente, ao facto do Estado haver resolvido tomar posição e pagar as dívidas dos grêmios da Lavoura.

Entende-se assim que o Governo não quer deixar entrar em regime de falência os grêmios, mas sim colocar-se na situação dos respectivos credores e exigir as responsabilidades às direcções dos grêmios quando for caso disso.

Porque, à excepção creio que de um grémio onde o jogo de letras dos Directores foi de tal ordem que já ninguém sabe quem é pessoalmente responsável — os outros grêmios em estado de pré-falência a tal chegaram por ter tomado o caminho de fornecedores únicos do crédito à Lavoura, que não encontra crédito em qualquer outra instituição.

(Como se sabe, entre nós, só existe crédito bancário, e esse quer para a Lavoura quer para o Comércio, funciona do mesmo modo: letra a 90 dias reformável a 10 o/o por outros 90 dias — saco de arroz ou futura colheita, em termos de igualdade!).

Felicite-se o ilustre Ministro da Economia por esta excelente e ortodoxa medida de protecção à Lavoura.

E lembremo-nos piedosamente que se assim tivessem procedido os anteriores não tinha morrido na miséria o Conde d'Azevedo, esse pioneiro a quem tanto e tanto deve a Lavoura Portuguesa e, em especial, a Região dos Vinhos Verdes!

E lembro ainda saudosa e piedosamente aquele ilustre técnico e lavrador que foi o último Visconde de Pindela e que por ter firmado as letras da Federação dos Sindicatos Agrícolas, apesar de substituída tal fiança por hipoteca do Conde d'Azevedo, por a terra hipotecada não haver coberto a dívida, foi escandalosamente espoliado, à hora de entrar na agonia, de umas largas centenas de contos.

Serviço de

CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duilio Marques, Eng. Agrónomo — *Director da Estação Agrária do Porto*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo — *Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo — *Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

II — FRUTICULTURA

N.º 58 — Assinante n.º 29756 — Fiolhal (Douro).

INFLUÊNCIA DA ADUBAÇÃO NA QUALIDADE DAS LARANJAS

PERGUNTA — Possuo um pomar de laranjeiras que deu sempre frutos muito finos, mas cuja produção era pequena.

Há cerca de 6 anos para cá, tenho tratado dele quer com adubações, quer com tratamentos fitosanitários, etc., e a produção aumentou imenso.

Noto, porém, que parte da laranja, posto que continue a ser muito doce e saborosa, fica algum tempo balofa ou enfolada, isto é, com a casca menos aderente, o que faz murchar o fruto mais depressa, depois de colhido.

Julgo que tal facto se deve às adubações que nestes últimos anos lhe tenho feito, ou à falta de qualquer elemento essencial no terreno.

As adubações que tenho praticado têm sido à base de estrume de curral, Nitrofoska, Phoskamónio ou Ternape. Pensei já em fazer uma adubação com fosfato Tomás ou Cianamida Cálcica, visto o terreno ser bastante ácido.

Agradeço, pois, se digne dar-me a sua abalizada opinião sobre o assunto.

RESPOSTA — O excesso de azoto deve ser o responsável pelo aumento de espessura da casca dos frutos, acidente que muito o desvaloriza.

Para contrariar este acidente deverá reduzir a percentagem de azoto e aumentar as doses de potássio e ácido fosfórico.

É possível que o pomar beneficie com esta adubação assim constituída e os frutos voltem a ter a casca fina.

A falta de elementos mínimos pode ser responsável não por este acidente mas por outros que passem despercebidos do senhor consulente. Difícil é saber qual ou quais estão em causa.

Aconselhamos fazer em parte do pomar uma adubação foliar empregando um desses produtos comerciais em que entram elementos mínimos — Ferfoli Irral, etc. e verificar depois a diferença de comportamento entre as laranjeiras da parte tratada e as da parte não pulverizada. — *Madeira Lobo*.

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 59 — Assinante n.º 43 — *Mesão Frio*.

ÁLTICA DA COUVE. PEDRADO DA NESPEREIRA

PERGUNTA — Tenho o meu couval fortemente atacado por doença que o inutiliza por completo. Junto uma amostra de folhas atacadas e rogo se digne indicar-me a maneira prática de atacar o mal.

Possuo também uma nespereira que há dois ou três anos floresce, mas logo a flor se estraga e não frutifica. Este ano deu uma insignificante porção de frutos mas também atacados do mal. De tudo mando uma amostra para elucidação, agradecendo muito reconhecido quaisquer indicações que me possa fornecer a propósito destes dois casos.

RESPOSTA — O estrago verificado nas folhas de couve que nos remeteu é devido à acção da áltica da couve.

Este coleóptero pode ser combatido com a aplicação de polvilhações repetidas de D. D. T. as quais quando feitas às primeiras horas da manhã reduzem de forma sensível a incidência do parasita.

Complementarmente destrua ervas daninhas e não repita o cultivo da couve no mesmo local sem que 3 ou 4 anos separem esta cultura.

Quanto às pequenas nêspersas que nos remeteu diremos que se encontram manchadas pelo «pedrado».

O emprego de fungicidas mistos de cobre e zinebe, do tipo «Cuprozete» ou equivalente, na dose recomendada pelo fabricante e pulverizados preventivamente de 10 em 10 dias, desde a floração à colheita, reduz o aparecimento do manchamento a que nos referimos.

Devemos ainda informar o senhor consulente que a fertilização do solo por meio de adubo Foskamónio 111 ou outro de idêntica composição poderá imprimir às suas nespereiras uma melhor vegeta-

VINHOS — AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento Vito-Vito, R. Cais de Santarém, 10-1.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 2713.º

ção. A dose de emprego deverá ser de 500 a 1500 gramas daquele adubo, conforme o tamanho e idade das plantas e incorporado no solo no começo do Outono e Primavera — *Benevides de Melo*.

XIX — MEDICINA VETERINARIA

N.º 60 — Assinante n.º 45189 — *Lisboa*.

VELHA PORTADORA DE MASTITE OU DADA. MULINHA COM SETE SEMANAS DE IDADE.

PERGUNTA — 1.ª Tenho uma ovelha com o amujo encaroçado, parecendo ao pastor que uma das borregas deixou de mamar. Que devo fazer?

2.ª Estou em negociações para a compra de uma mulinha que o vendedor diz ter sete semanas; no caso de a comprar, como ela ainda não deve comer, que alimentação se lhe deve dar, quantidades e até quando?

Pode estar junta com outro gado, ou deve estar só? A cama deve ser de palha? Deve passear ou estar sempre no palheiro, abrigada dos ventos?

RESPOSTA — 1.º Para tratar o amujo da ovelha, aconselhamos a aplicação externa de «Mastidina» — pomada — em aplicações suaves, duas vezes por dia (não friccionar). Se for necessário, como adjuvante, e antes da aplicação da pomada, dar um duche de água fria, com uma máquina de sulfatar (bem lavada por dentro), à qual se retirou o espalhador. Este tratamento deverá ter a duração mínima de 15 minutos dado de manhã e à tarde. Deixar enxugar e aplicar então a pomada, como se indicou.

Se a ovelha, por um dos tetos ou até pelos dois, em vez de leite normal deitar leite coalhado (farrapos como o vulgo diz), ou até pús ou sangue, instilar em cada teto doente, uma bisnaga de «Aureomicina», para aplicação intramamária, tendo previamente tirado todo o leite do amujo. Depois agarra-se o bico do teto com a mão esquerda e com a direita (dedos polegar e indicador), percorre-se de baixo para cima várias vezes o teto, para auxiliar a pomada de aureomicina a espalhar-se no interior do úbere.

2.º A mulinha com cerca de dois meses, deverá permanecer junto da mãe mais três ou quatro meses, e só depois poderá ser desmamada. De contrário terá que ser alimentada artificialmente com

leite de vaca, mas não aconselhamos a ter que mandar fazer este serviço.

Já não sucede o mesmo com os vitelos, sendo até aconselhável alimentá-los com o leite da própria mãe, mas dado num balde.

Convém que posteriormente esteja só. A cama pode ser de palha. Faz bem a todos os animais apanhar sol e ar, com moderação. Certamente que nas horas mais quentes do dia, a mulinha não irá passear. — *Carrilho Chaves.*

★

N.º 61 — Assinante n.º 45 508 — Alcobaça.

ANEMIA DOS LEITÕES. RETENÇÃO DE SECUNDINAS.

PERGUNTA — Recebi a resposta à minha consulta sobre leitões, e mandam-me para a Investigação Veterinária de Lisboa, mas eu lembrei-me de consultar o médico veterinário da minha comarca, levando lá um bácoro vivo e disse-me a mesma coisa: mandou-me também para Lisboa. Nesse meio tempo, aos leitões que escaparam, comecei a dar-lhe, por minha iniciativa, «Ferrotanol» misturado com um pouco de farinha destinada a leitões, que comprei, e começaram a melhorar, isto é, quando começaram a comer aliviaram os sintomas da doença; por isso, não cheguei a mandar nenhum a Lisboa.

Outro assunto, agora: há 2 dias pariu uma vaca e não lançou as últimas, que é coisa que eu costumo tirar-lhes, mas como estas ficaram muito coladas ao útero, queria dar-lhe umas injeções para as fazer expulsar, e não sei em que sitio a hei-de aplicar; essas injeções são indicadas para aplicação intramuscular.

RESPOSTA — Na resposta à consulta a que alude, nós dizíamos que podia tratar-se de anemia, provocada por falta de ferro, e que seria conveniente observar as mucosas da boca e das pálpebras, e para a combater mais rapidamente administrasse «Injex».

Afinal, e muito bem, recorreu novamente ao Ferrotanol, que já anteriormente lhe tínhamos indicado e que tinha dado óptimos resultados.

Aqui fica um conselho: administrar Ferrotanol, a partir do 3.º dia de vida

dos leitõezinhos, e quando eles tiverem 10 dias, deixá-los fossar em terra revolvida, mas ao abrigo do sol, que também os prejudica nessa idade.

Para a retenção placentária, aconselhamos a administração pela boca (peros), de «Zoopartol» — 6 medidas de 8 em 8 horas, num pouco de água *tépida* (cerca de meio litro).

Zoopartol. 4 Embalagens

Com uma garrafa dê a mistura pela boca. — *Carrilho Chaves.*

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 62 — Assinante n.º 40 244 — Cinfães.

SERVIDÃO DE PASSAGEM

PERGUNTA — Posso uma propriedade cujo caminho de servidão (para carro de bois) é por terrenos dum vizinho e só em determinados dias do ano (15 a 20 de Maio).

O dono desse terreno construiu recentemente uma ramada sobre essa minha servidão, dificultando grandemente a passagem e impedindo que se transporte carga que atinja conjuntamente com o carro, a largura ou altura de dois metros (quando estes, por vezes, atingem cerca de quatro) obrigando o condutor do carro a usar de certa perícia para evitar prejuízos de parte a parte dada a escassez de espaço livre, ou ter de, quanto à altura, baixar a carga para menos daquele limite, já que a largura em nada poderá ser alterada, uma vez que as dimensões desses veículos andam por aquelas medidas.

A referida servidão era apenas utilizada pela passagem de carros carregados de estrume para adubação, dado que não existe nessa propriedade corte onde se possa fabricar.

A propriedade não tem possibilidades de ser servida por qualquer outro caminho público ou particular.

Na propriedade a que aludo vou construir um palheiro e corte de gado, para guardar as forragens e fabricar estrume.

Diz a escritura de compra dessa propriedade: «... as servidões serão por terrenos de F., na forma de usos e costumes antigos».

Em face do exposto, agradecia me elucidasse:

STARKRIMSON E FREYBERG

As variedades do futuro!!!

Estas **MACIEIRAS** em diversos porta-enxertos!!!

Viveiros Quinta das Azáleas

Nine—Vila Nova de Famalicão

Telef. 96274 — Das 9 às 20 horas

1.º—Se poderia a ramada ser construída sobre a minha servidão.

2.º—Se poderia ser construída de forma a dificultar a passagem.

3.º—Se poderá impor que transite com carga de altura não superior à ramada construída.

4.º—Se, visto não ter havido anteriormente necessidade de transitar com outras cargas que não fossem estreme para adubação, poderá impedir que se transite com carga diversa daquela, nomeadamente a que se destinar à construção da referida corte de gado, bem como o transporte de matos verdes para curtimenta.

RESPOSTA—1. Pelos dados da consulta verifica-se que foi, contratualmente ou por prescrição, constituída uma servidão de passagem de carro por terreno de F. a favor da propriedade do sr. consulente, servidão essa a ser exercida de 15 a 20 de Maio de cada ano.

2. Ora—e antes de mais—devo referir ao sr. Consulente que, sendo a sua propriedade encravada (isto é, não tendo qualquer comunicação com via pública) assiste-lhe o direito de exigir dos vizinhos caminho ou passagem permanente para todas as necessidades do mesmo prédio, indemnizando-os do prejuízo, como é evidente (art. 2309.º do Cód. Civil).

3. Desse modo, e porque amigavelmente essa servidão já está constituída (embora grandemente limitada no tempo), tem o sr. Consulente o direito de passar pelo caminho aludido com o carro de bois, carregado com tudo o que para a exploração do prédio for necessário (seja estreme, seja mato, seja material de construção). É claro que a carga poderá ter as dimensões que forem de uso (limitadas, segundo suponho, pelas possibilidades físicas do animal de tracção e pelo equilíbrio da mesma carga).

4. Posto isto, resta referir que, em princípio, o vizinho do sr. Consulente podia construir a ramada mas devia tê-lo feito de tal maneira que não estorvasse o uso da servidão (art. 2278.º do Cód. Civil).—A. M. O. Pinheiro Torres.

*

N.º 63 — Assinante n.º 45387 — Alcobaça.

SERVIDÃO LEGAL DE PASSAGEM

PERGUNTA — Por herança de meus pais, já falecidos, possuo um prédio composto de casa de habitação, adega, abegoaria e quintal, que dista da estrada municipal 30 metros, devendo-me um vizi-

nho serventia para o dito prédio, cuja largura é de 2,20 entre as duas paredes.

Como tenho dificuldade em entrar com um tractor que possuo e o prédio do vizinho está em ruínas, desejava saber se, quando ele fizer nova construção, lhe posso exigir serventia com 3 metros, o que para mim era suficiente.

RESPOSTA—1. Não me diz o sr. Consulente se o prédio que necessita é ou não encravado, isto é, se não tem ou tem outra comunicação com a via pública.

Partindo do princípio de que é realmente encravado, pode, nos termos do art. 2309.º do Cód. Civil, o sr. Consulente exigir caminho ou passagem pelos terrenos vizinhos, desde que indemnize os seus proprietários do prejuízo.

2. Ora tem-se entendido que essa passagem deverá ter as dimensões que forem necessárias para a fruição normal e exploração economicamente vantajosa do prédio.

3. Parece portanto que, se para a passagem do tractor, são necessários 3 metros de largura, o sr. Consulente poderá exigir dos vizinhos os 80 centímetros que faltam. E essa exigência pode ser feita em relação a qualquer deles.

4. Restará só acrescentar que, se os prédios dos vizinhos forem quintas muradas ou quintais, jardins, hortas ou pátios adjacentes a prédios urbanos, os seus proprietários têm a faculdade de se subtraírem à obrigação de dar passagem, comprando o prédio encravado pelo preço que for judicialmente fixado (arts. 456.º e 2309.º do Código Civil).—A. M. O. Pinheiro Torres.

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Todos os assinantes da Gazeta das Aldeias, depois de um ano de assinatura paga, têm o direito de fazer inserir gratuitamente, nesta secção, em cada ano, dois anúncios de três a quatro linhas em que ofereçam produtos da sua exploração agrícola, ou solicitem trocas de animais, plantas, sementes, etc., de que necessitem. Esses anúncios serão publicados duas vezes. Não são considerados nesta regalia os anúncios de carácter comercial.

Ovos para incubação e peruzinhos do dia, da raça *Beltsville Small White*, vende a Quinta do Canal—Apartado 67, Fig. da Foz.
Eucaliptal, vende-se no Monte do Paúl—Vila Viçosa.



INFORMAÇÕES

Calendário de Julho

Durante este mês a duração do dia é de 14 h. e 50 m. em 1, e de 14 h. e 12 m. em 31.

| DATAS | SOL | | LUA | |
|----------------------|-------|-------|-------|-------|
| | Nasc. | Pôr | Nasc. | Pôr |
| 1 Quinta. | 5.16 | 20. 6 | 7.36 | 22.34 |
| 2 Sexta. | 5.16 | 20. 6 | 8.53 | 23.12 |
| 3 Sábado. | 5.17 | 20. 5 | 10. 7 | 23.45 |
| 4 Domingo | 5.17 | 20. 5 | 11.18 | * |
| 5 Segunda. | 5.18 | 20. 5 | 12.25 | 0.14 |
| 6 Terça | 5.18 | 20. 5 | 13.30 | 0.41 |
| 7 Quarta | 5.19 | 20. 5 | 14.34 | 1. 7 |
| 8 Quinta. | 5.19 | 20. 4 | 15.37 | 1.35 |
| 9 Sexta. | 5.20 | 20. 4 | 16.40 | 2. 4 |
| 10 Sábado | 5.21 | 20. 3 | 17.40 | 2.38 |
| 11 Domingo | 5.21 | 20. 3 | 18.38 | 3.16 |
| 12 Segunda. | 5.22 | 20. 3 | 19.31 | 4. 0 |
| 13 Terça. | 5.22 | 20. 2 | 20.19 | 4.50 |
| 14 Quarta. | 5.23 | 20. 2 | 21. 0 | 5.44 |
| 15 Quinta. | 5.24 | 20. 1 | 21.36 | 6.42 |
| 16 Sexta. | 5.25 | 20. 1 | 22. 6 | 7.42 |
| 17 Sábado. | 5.26 | 20. 0 | 22.34 | 8.41 |
| 18 Domingo | 5.26 | 19.59 | 23. 0 | 9.41 |
| 19 Segunda. | 5.27 | 19.58 | 23.23 | 10.41 |
| 20 Terça. | 5.28 | 19.57 | 23.48 | 11.41 |
| 21 Quarta. | 5.29 | 19.57 | * | 12.43 |
| 22 Quinta. | 5.29 | 19.56 | 0.15 | 13.48 |
| 23 Sexta. | 5.30 | 19.56 | 0.44 | 14.56 |
| 24 Sábado | 5.31 | 19.55 | 1.19 | 16. 7 |
| 25 Domingo | 5.32 | 19.54 | 2. 0 | 17.20 |
| 26 Segunda. | 5.33 | 19.53 | 2.53 | 18.29 |
| 27 Terça | 5.33 | 19.53 | 3.56 | 19.30 |
| 28 Quarta. | 5.34 | 19.52 | 5. 9 | 20.22 |
| 29 Quinta. | 5.35 | 19.51 | 6.26 | 21. 6 |
| 30 Sexta. | 5.36 | 19.50 | 7.44 | 21.42 |
| 31 Sábado | 5.37 | 19.49 | 8.59 | 22.13 |

Q. C. em 5 às 19 h. e 36 m.; L. C. em 13 às 17 h. e 1 m.; Q. M. em 21 às 17 h. e 53 m.; L. N. em 28 às 11 h. e 45 m.;

Estado das culturas em 30 de Abril

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

No «Estado das Culturas» referente a 31 de Março passado, admitiu-se que as reservas de água constituídas após um mês relativamente pluvioso, mas antecedido de um Inverno excepcionalmente seco, ainda não seriam suficientes para garantir os caudais de rega no período estival que se aproximava, nem para se concretizarem as esperanças, nem ocasião justificadas, de um bom ano cerealífero, caso o estado do tempo retomasse as anteriores características de estiagem. Infelizmente, foi de estiagem o mês que se seguiu.

Efectivamente, Abril, que poderia ter proporcionado um dos melhores anos cerealíferos até hoje registados, para o que bastaria a precipitação normal do mês, caprichou em não contribuir com mais do que alguns escassos aguaceiros, distribuídos pela primeira e terceira décadas, ficando, assim, definitivamente anuladas as possibilidades de um bom ano de cereais praganosos.

Como é natural, as grandes zonas de sequeiro do sul do País foram as mais afectadas: as cevadas espigaram rapidamente e muitas delas encontram-se já amarelecidas e em começo de maturação, mas mal granadas; as aveias não se desenvolveram convenientemente e espigaram bastante curtas; os trigos, embora dum modo geral mais resistentes à secura, também não granaram satisfatoriamente e muitos apresentam a cor cinzenta, própria da falta de humidade. No que respeita às searas de leguminosas, é também desanimador o aspecto dos favais, inicialmente bem floridos, estando a desenvolver-se com dificuldade o grão-de-bico, principalmente o de sementeira tardia.

Nas regiões do Centro e do Norte os prejuízos foram menos importantes, tendo-se registado principalmente nas searas de encosta ou de terras delgadas, com fraca capacidade de retenção de humidade. Todavia, nestas regiões encara-se com pessimismo o futuro das culturas de Primavera, actualmente a iniciar o seu ciclo, tanto mais que, em muitos locais, já foi necessário regar a terra para facilitar os trabalhos de lavoura e garantir a germinação da semente.

O estado das pastagens também se apresenta com aspectos diferentes conforme as regiões con-

sideradas. No Norte, graças à elevação da temperatura e da água armazenada no mês anterior, os crescimentos foram rápidos, não faltando alimentos verdes para o gado. No Centro, o desenvolvimento das pastagens já foi afectado pela falta de humidade no solo, mas as condições de alimentação do gado ainda foram satisfatórias. No Sul, a seca prematura de muitas pastagens e o fraco desenvolvimento de outras privou os gados da habitual fatura nesta época do ano. As condições de alimentação dos gados não são por enquanto alarmantes mas teme-se que as reservas de feno de palha não permitam manter os actuais efectivos.

Durante o mês iniciou-se a ceifa e a fenação dos azevêns, operações que o tempo seco favoreceu.

Os olivais, vinhas e pomares rebentaram bem e mostram possibilidades de boa produção. Não é fácil, porém, prever desde já a influência que virá a ter no resultado destas culturas a escassez das reservas de água existentes no solo. Por enquanto, o baixo grau de humidade atmosférica pode considerar-se favorável, na medida em que tem contrariado o desenvolvimento de doenças criptogâmicas.

Em algumas regiões, os preços do gado, principalmente o de carne, baixou sensivelmente. Dum modo geral, as feiras tiveram afluência regular, mantendo-se os preços dos géneros agrícolas, excepto o da batata, que desceu ligeiramente.

O estado do tempo favoreceu a execução dos trabalhos de campo, mas a falta de mão-de-obra agrícola foi sentida, mesmo assim, na maior parte do País.

Como é normal nesta época do ano, os salários subiram, tendo atingido, em algumas regiões, níveis considerados incompatíveis com os preços dos produtos agrícolas no produtor.

II Congresso Internacional de Patologia Aviária

A Associação Mundial dos Veterinários Especialistas em Avicultura realiza o II Congresso Internacional de Patologia Aviária em Paris de 6 a 8 de Setembro próximo.

A agenda de trabalhos inclui diversos temas, dentre os quais se destacam pela sua maior importância os seguintes: *Perdas económicas causadas pelas doenças nas explorações avícolas e o papel do médico veterinário na acção de profilaxia e terapêutica; Tumores transmissíveis das aves incluindo as leucoses, afecções nervosas e bronquite infecciosa.*

No dia 8 de Setembro efectuar-se-á um simpósio sobre esta última doença, focando-se em especial as questões relativas à natureza do vírus responsável e das técnicas laboratoriais de diagnóstico e rastreio deste processo, que tão graves prejuízos causa.

Foi designado para relator do primeiro tema o cientista português Dr. Taborda Duarte, Secretário da Sociedade Portuguesa de Patologia Aviária.

Durante o Congresso e dias subsequentes estão previstas várias visitas de carácter profissional e turístico e as inscrições bem como os demais esclarecimentos podem ser obtidos junto da Secretaria

da Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias — Rua D. Dinis, 2-A, em Lisboa.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

forneado pelo Serviço Meteorológico Nacional

1.ª década (1-10) de Junho de 1965

Influência do tempo nas culturas

As culturas de milho, feijão e batata melhoraram de aspecto, sobretudo nas regiões do litoral oeste. As vinhas e os olivais estão a florir bem, tendo já começado a frutificação em algumas regiões do centro e sul do território. Os pomares e os montados estão com aspecto satisfatório.

Fizeram-se sementeiras de milho, feijão e grão, ceifa de cereais, plantação e sementeira de arroz, sachas, adubações, colheita de fruta, tratamentos fitossanitários, etc..

Houve ataques de afídeos na fruta e de escaravelho nos batatais.

2.ª década (11-20) de Junho de 1965

As culturas hortícolas e as de milho, feijão, batata e arroz estão a desenvolver-se satisfatoriamente nas regiões do litoral oeste e nas terras de regadio. As vinhas e os olivais têm aspecto viçoso e estão na fase de frutificação a sul do Tejo. Os pomares e os montados têm bom aspecto. No Alentejo começou a debulha de cereais, cuja ceifa continua nas outras regiões.

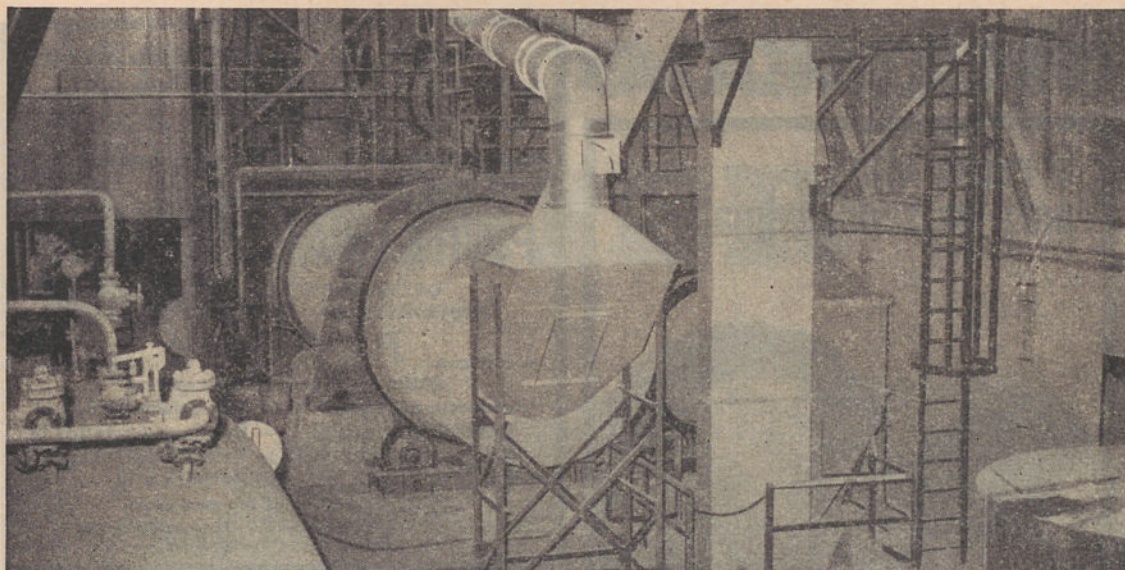
Fizeram-se mondas, secagem e recolha de feno, colheita de fruta, tratamentos fitossanitários, etc.

As condições meteorológicas durante a década foram favoráveis a ataques de escaravelho na batateira.

Mercado de vinhos e aguardentes

| Area | ESPÉCIE | | | |
|-------------------------|-------------|--------------|---------------|---------------|
| | Vinho tinto | Vinho branco | Aguard vinica | Aguard bagac. |
| Mealhada | 1\$90 | 2\$00 | —\$— | 4\$50 |
| Águeda | 1\$95 | —\$— | —\$— | —\$— |
| Torres Vedras | 1\$80 | 1\$50 | 10\$00 | 4\$50 |
| Bombarral | 1\$74 | 1\$60 | 10\$00 | 5\$00 |
| Alenquer | 1\$70 | 1\$60 | 10\$00 | 4\$70 |
| Santarém | 1\$60 | 1\$50 | 9\$40 | 4\$80 |
| Cartaxo | 1\$90 | 1\$70 | —\$— | 4\$60 |
| Almeirim | 1\$70 | 1\$60 | 9\$90 | 5\$50 |
| Estremoz | 2\$50 | 2\$70 | —\$— | 6\$00 |
| Fundão | 2\$80 | 3\$00 | —\$— | 5\$50 |
| Pinhel | 1\$50 | 1\$70 | —\$— | 4\$50 |
| Leiria | 1\$45 | 1\$30 | 9\$70 | 4\$50 |
| Chaves | 2\$00 | 2\$00 | —\$— | 5\$00 |





Senhor Lavrador

Prefira os Adubos Compostos CUF

— Garantia de boas colheitas —

— Na adubação de inverno da **vinha** e **olival**:

| | Azoto (N) | Fósforo (P ₂ O ₅) | Potássio (K ₂ O) |
|-----------------------|--------------|---|--------------------------------|
| FOSKAMONIO 111 | 10% | 10% | 10% |
| FOSKAMONIO 122 | 7% | 14% | 14% |
| FOSKAMONIO 222 | 15% | 15% | 15% |

— Na adubação de sementeira da **batata**:

| | | | |
|-----------------------|-----|-----|-----|
| FOSKAMONIO 111 | 10% | 10% | 10% |
| FOSKAMONIO 112 | 7% | 7% | 14% |
| FOSKAMONIO 122 | 7% | 14% | 14% |
| FOSKAMONIO 222 | 15% | 15% | 15% |

Utilize os adubos nacionais especialmente estudados para os solos e culturas nacionais



Companhia União Fabril

LISBOA—Avenida Infante Santo, 2 • PORTO—Rua do Bolhão, 192

Depósitos e Revendedores em todo o País

VITAMEALO

a ração vital
para os seus animais



GANHE MAIS
NO LEITE
NA CARNE
NOS OVOS



As farinhas VITAMEALO
contêm, convenientemente
equilibrados, todos os elementos
nutritivos de que o gado ne-
cessita e são fabricadas segundo
as normas técnicas que, há mais
de 40 anos, têm imposto, pela
sua qualidade, as rações in-
glesas VITAMEALO em todo
o mundo. Os nossos Serviços
Técnicos estão à sua disposição
para qualquer esclarecimento.



VITAMEALO PORTUGUESA, S.A.R.L. AV. VISCONDE VALMOR 46-2º Esq. LISBOA-1

4067

A GAZETA das ALDEIAS é um grande
Amigo do Lavrador. Quando consultada,
pode resolver-lhe os seus problemas.

CONTRA A
PAPEIRA

OS CRIADORES
PREVIDENTES DÃO



MARCA **PLOUGH** (CHARRUA)
(Allen & Hanburys, Ltd., Londres)

Tetracloreto de carbono em cápsulas gelatinosas de 1 ml.

- Produto garantido — Reduz a mortalidade
- Eficácia comprovada — Valoriza as cabeças
- Fácil aplicação — Melhora a lã

Pedir prospectos aos representantes:

COLL TAYLOR, L.da — R. Douradores, 29-1.º
Telefone, 321476 — LISBOA

1369

Para aumentar o rendimento
do seu aviário, proteja-o
com

AV - 25

o mais poderoso e eficaz anti-
tréssico até hoje conhecido

Use **AV - 25**

- Antes e após a vacinação
- Durante a incidência de doenças crónicas respiratórias
- Em parques mal ventilados ou excessivamente povoados
- Sempre que sujeite os animais a qualquer excitação

É um produto Whitmoyer

PEÇA LITERATURAS

Representantes exclusivos para Portugal



4120

AGROVETE

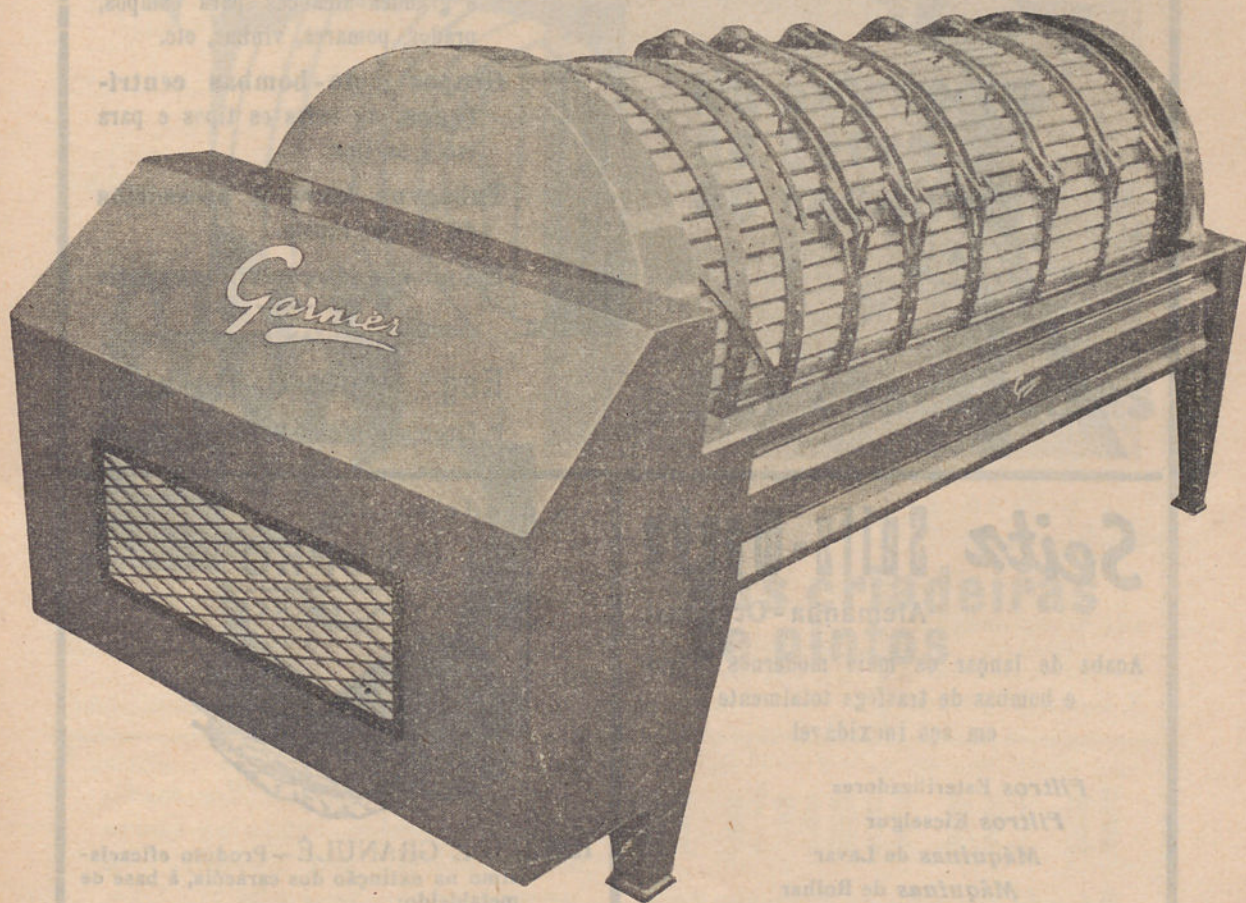
Organização Técnica Agro Pecuária, Lda.

Avenida Infante Santo, 347

Telef. 67 62 33

LISBOA - 3

Prensas Horizontais **GARNIER**



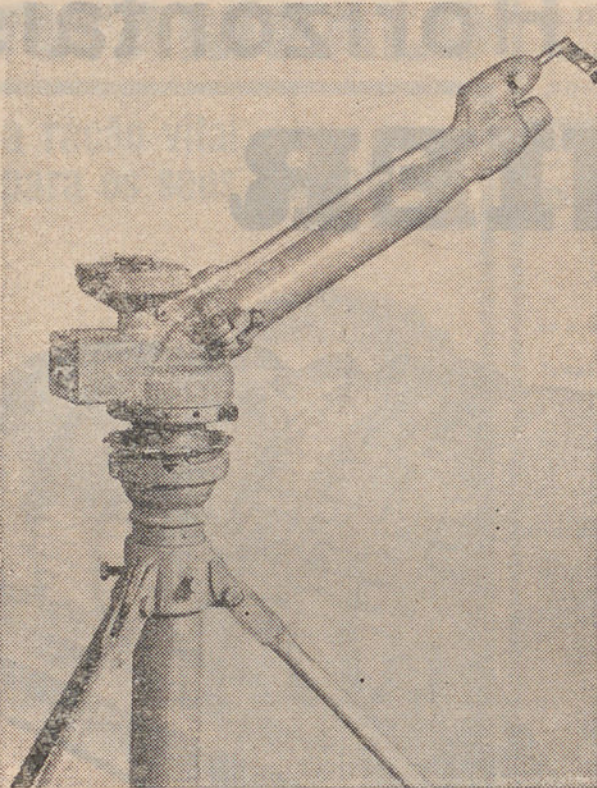
Do pequeno modelo de 7 HL, de preço notavelmente reduzido, aos modelos de grande capacidade e completo automatismo, as prensas GARNIER satisfazem às exigências e possibilidades de qualquer tipo de exploração, quer se trate de uma pequena propriedade quer de uma cooperativa de grande produção.

Representante:

CEIA Centro de Equipamentos Industriais e Agrícolas, Lda.

Rua do Conde Redondo, 97-r/c — Tel. 731544

L I S B O A - 1



Maschinenfabrik A. HOLZ
Wangen i. Allgäu - Alemanha

Rega por Aspersão

(CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

Pulverizadores pneumáticos,
tipo «V-1» - para grandes jactos
e grandes alcances, para campos,
prados, pomares, vinhas, etc.

Grupos moto-bombas centrífugas,
de todos os tipos e para
todos os fins.

Tubagens leves e acessórios
de ligação rápida.

Estudos e Orçamentos grátis

REPRESENTANTE GERAL:

4105

Eng.º Paulo C. Barbosa

P. Liberdade, 114-4.º-PORTO-Tel. 20866

Seitz Seitz-Werke

Alemanha - Ocidental

Acaba de lançar os mais modernos filtros
e bombas de trasfega totalmente
em aço inoxidável

Filtros Esterilizadores

Filtros Kieselgur

Máquinas de Lavar

Máquinas de Rolhar

Máquinas de Encher

Máquinas de Capsular

Máquinas de Rotular

*Amiantos * Placas Filtrantes e Esterilizantes*

REPRESENTANTE NO NORTE DO PAÍS:

António G. Pinto de Freitas

PRODUTOS ENOLÓGICOS E MATERIAL DE LABORATÓRIO

41, Rua Saraiva Carvalho, 47

Telefones, 27350/36712

PORTO

4134

Os produtos da

UMUPRO

LYON - FRANÇA

3190



HELICIDE GRANULÉ - Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído;

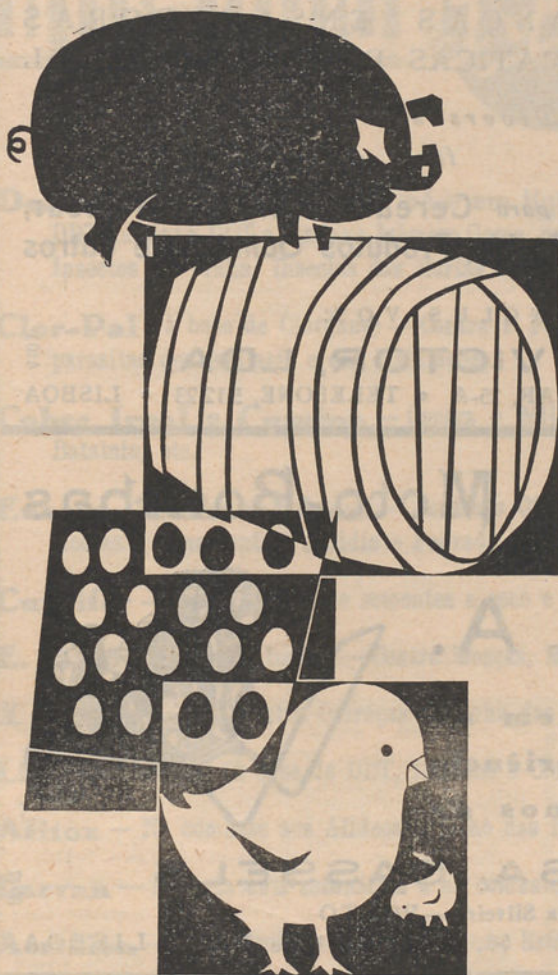
UMUCORTIL GRANULÉ - Para combate aos ralos, à base de clordane;



são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.ª, L.ª

Rua do Almada, 329-1.º - Telef. 23007-PORTO



**Na chamusca
dos porcos**

**Na extracção
de sarro
do vasilhame**

Nas chocadeiras

**Nas criadeiras
de pintos**

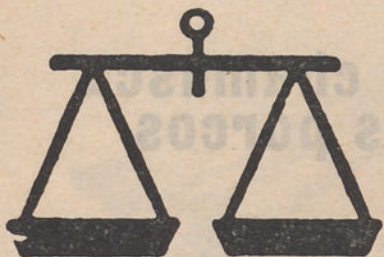
3330



PROPACIDLA

**O MELHOR GÁS
AO SERVIÇO
DA INDÚSTRIA**

VOLLEND A



BALANÇAS ENSACADORAS
AUTOMÁTICAS DE RENOME MUNDIAL

*Diversos modelos
fixos e transportáveis*

*próprias para Cereais, Farinha, Açúcar,
Talco, Amido, Produtos Químicos e outros*

AGENTES EXCLUSIVOS:

SOCIEDADE VICTOR, LDA.

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 25-A * TELEFONE, 5 1223 * LISBOA

4103

Visite V. Ex.^a a

**Ourivesaria
Aliança**

onde encontrará

Jóias, Pratas,
Mármore e Bronzes

a preços fixos.

PORTO

191, R. das Flores, 211

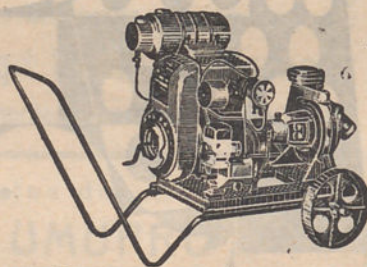
Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50

3056

Grupos Moto-Bombas

B. S. A.

Confiem na
grande experiência
de 80 anos da



CASA CASSELS

191, Rua Mousinho da Silveira — PORTO

56, Avenida 24 de Julho — LISBOA

3927

Um bom aumento de Rendimentos Agrícolas

é obtido por adubação orgânica e químico-orgânica (base de farinha de peixe), da acreditada marca «SEREIA», a qual inspira confiança à lavoura exigente.

S E R E I A

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda.

Breyner-SEIXAL

Agentes Gerais: **Aliança Agrícola e Comercial, Lda.**
Calçada do Duque, 3-1.º — LISBOA-2

4052

Alguns Produtos



ao Serviço da Lavoura

Dedetoxil, Lin-Toxil (em pó e em líquido), **Lintal** e **B H C Irpal** (à base de DDT-Lindane-DDT e Lindane-Isómero Gama, respectivamente) — Contra o Escaravelho da Batateira, Insectos da Vinha, Insectos das Hortas e Pomares, etc.

Clor-Pal (à base de Clordane) — Contra a Formiga Argentina, parasitas das Hortas e Pomares, parasitas dos Animais e das Habitações.

Cobre Irpal e **Cuprion** — Contra o Mildio e outras doenças criptogâmicas das Vinhas, Batatais, etc.

Enxofre Molhável Irpal — Contra o Oídio e Acarioses das Vinhas, Oídio das Plantas Hortícolas e Ornamentais e Oídio e Pedrado dos Pomares.

Cuprifer — Desinfectante de sementes a seco e excitador da germinação.

E. B. 25 (emulsão base) — Contra Moscas, Mosquitos, Traças, etc.

X L 55 Irpal — Contra Carraças e Ronha das ovelhas, etc.

Lin-Tal-Clor (à base de DDT, Lindane e Clordane) — Contra todos os Insectos das Habitações.

Afitox — No combate aos Afídeos (Piolho das Plantas), Melas, etc.

Larvan — Na luta anti-sezonática e no combate ao Chirónemo (Lagarta da raiz do arroz).

Acridion — Para desinfectação dos Celeiros, Estábulos, etc.

Acridion de Inverno (emulsão de óleo antracénico) — Tratamentos de Inverno de Pomares, Vinhas, etc.

Olidion de Verão e **Olidion de Inverno** — Contra Cochonilhas, Fumaginas, Icéria, etc.

Ervatox (Erbicida), **Abonor** (Estercolizador), **Cresilion** (Desinfectante de uso geral), **Cuproxil** e **Carbolínio** (Conservadores de madeiras), **A-Mur** (Raticida bio-químico), etc.

IRPAL É MARCA DE QUALIDADE

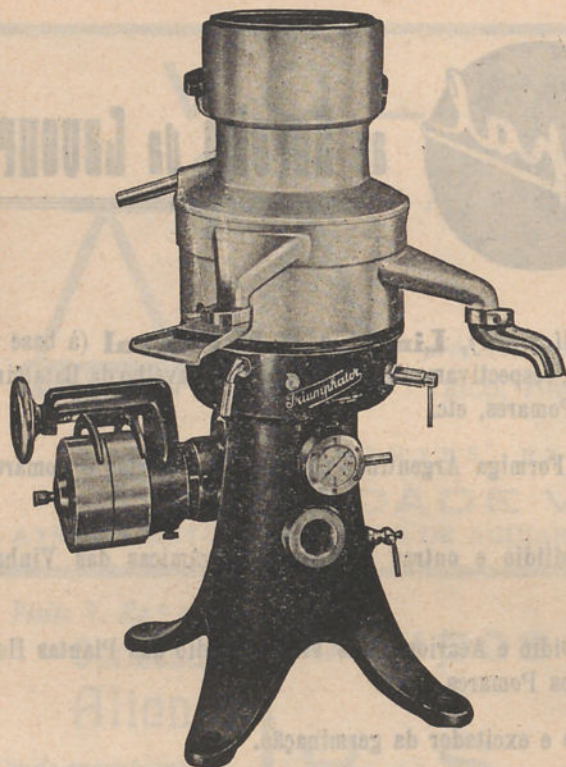
Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1979

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168



TRIOMPHE

SEPARADORA-CLARIFICADORA PARA AZEITE E CALDAS OLEAGINOSAS

MÁQUINA SUÍÇA DE PRECISÃO

Modelos com motor eléctrico e transmissão

O mais aperfeiçoado, simplificado e moderno dos diversos tipos existentes

Recomendada para lagares de azeite

4113

DIVULGADA POR TODO O PAÍS

Importadores exclusivos:

Av. Almirante Reis, 80-B a 80-E

Telef. 52360 — LISBOA - 1

Sociedade Industrial Agro-Reparadora, L.da

O MELHOR CAFÉ
É O DA
BRASILEIRA

2854

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Tels.: 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos
Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno - 12\$50 • Frasco grande - 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drogas, aviárias, et

2892

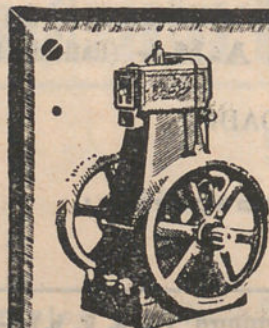


DISTRIBUIDORES
GERAIS

Vicente Ribeiro
& C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º

LISBOA



Desde 3 1/2 HP - 500 g p.m.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR
MOTOR INGLÊS
PARA A
AGRICULTURA
E PEQUENA
INDÚSTRIA

RESISTENTES
SIMPLES
FACEIS DE
MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.ª

14 - R. dos Corneiros - LISBOA

12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149

BUNGARTZ F6 DIESEL

6/7 H.P.

(A PEQUENA MARAVILHA DA TÉCNICA ALEMÃ)

CHEGOU NOVA RE-
MESSA.

ENTREGAS IMEDIATAS



Agência Comercial de Anilinas, Lda.

(SECÇÃO AGRÍCOLA)

Avenida Rodrigues de Freitas, 68—PORTO—Telefone, 55161

4048

VINDIMAS

Srs. Vinicultores:

tenho para entrega imediata e aos
melhores preços do mercado:

vasilhas), Leveduras Seleccionadas, Mastic Francês, Mechas de Enxofre em pastilhas, Metabissulfito de Potássio em cristais, pó e pastilhas, Parafina Refinada, Permanganato de Potássio, Sêbo de empostigar, Solução de Anidrido Sulfuroso a 6%, Trosilina Bayer, **ENOTANINO APPERT**, o Tanino mais puro existente no mercado, Tanino puro pelo álcool, etc., etc., bem assim: Aparelhos de Laboratório **DUJARDIN-SALERON E HEBEL** (Glucómetros, Mostímetros, Pesa-mostos, Termómetros de Fermentação para Lagar, etc.); Filtros, Bombas de Trasfega, Amiantos, Placas e todo o Material da consagrada marca **SEITZ-WERKE**.

PEDIDOS A:

António G. Pinto de Freitas

Rua Saraiva de Carvalho, 41 a 47 — PORTO — Telefones: 27350 e 36712

4133



Forocibene[®] pré-mistura a 50 %

Acção profiláctica notável contra os agentes patogéneos bacterianos e coccídias, no tracto gastro-intestinal, sem perturbar o desenvolvimento normal do animal.

Bácoros e Vitelos

Profilaxia das diarreias durante o crescimento e engorda.

Porcas em gestação

Profilaxia das perturbações gastro-intestinais durante o último período da gravidez e a amamentação.

Vacas leiteiras

Profilaxia das diarreias devidas à coccidiose, com administração complementar de vitaminas.

Galinhas poedeiras

Profilaxia da inflamação dos oviductos e das diarreias durante o período de postura.

C o e l h o s

Profilaxia da coccidiose e do meteorismo.

Representantes:

Produtos CIBA, Lda.

Avenida 5 de Outubro, 48
Lisboa

Distribuidor:



Sociedade Agro-Biológica, Lda

Travessa do Almada (à Madalena), 12-1.º D.
Teleg. « Sabiol » — Telef. 87 08 36 — Lisboa-2

4075



Funda Elástica

S/ MOLAS E S/ PELOTAS

CASA XAVIER

Albino Pinheiro Xavier, Filhos
ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeiros, 165—PORTO

Telefone, 22908

1701



Agente Geral para Portugal e Ultramar:

J. L. Duarte de Almeida, Suc.ª
Rua de S. Miguel, 61 — PORTO
Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro

para hortas e jardins,
pequenas regas, etc.

CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO
.....

“VIBRO-VERTA”

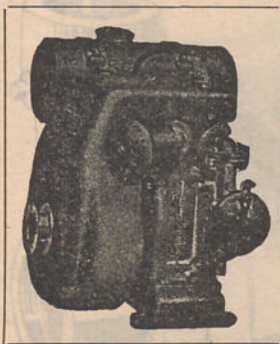
a bomba portátil que resolve o abastecimento de água
na cidade e no campo

DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

4112

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532

Cruz, Sousa & Barbosa, L. da

Papéis e Máquinas Gráficas

R. S.^{to} António, 165 — PORTO

Telefs. 27656 e 27657

2457

PASTAS Comerciais e de Estudantes
MALAS em couro, chapeadas e para avião

CONCERTAM-SE MALAS
— NÃO CONFUNDIR —



José Apolinário
31-Rua do Loureiro-33
(Pegado à Pensão de S. Bento)

TELEPHONE, 23636 — PORTO

à Lavoura

Pó Flecha D. D. T.

a 5%, a 10%, a 20% e 50%

Pó Flecha Lin-Exano

a 6 e 10% de LINDANE

Pó Flecha-Exano

a 1 e 6% de B. H. C.

Matoescaravelho Flecha

Emulsão Flecha-Clor à base de chlordane



PODEROSO INSECTICIDA
para todas as culturas

Emulsão Flecha-B

à base de Lindane

Emulsão Flecha-Malatone

à base de Malation

Fungicida Cobragan 50

50% de cobre

Zincobril

combinação oxiclureto de cobre e Zineb

Emulsão Fosfortion Flecha

Para o extermínio das pragas das *Vinhas, Batatais, Hortas e Pomares*

À VENDA NAS BOAS CASAS

Tudella & Esteves, Lda. — Praça da Alegria, 40-A — LISBOA-2

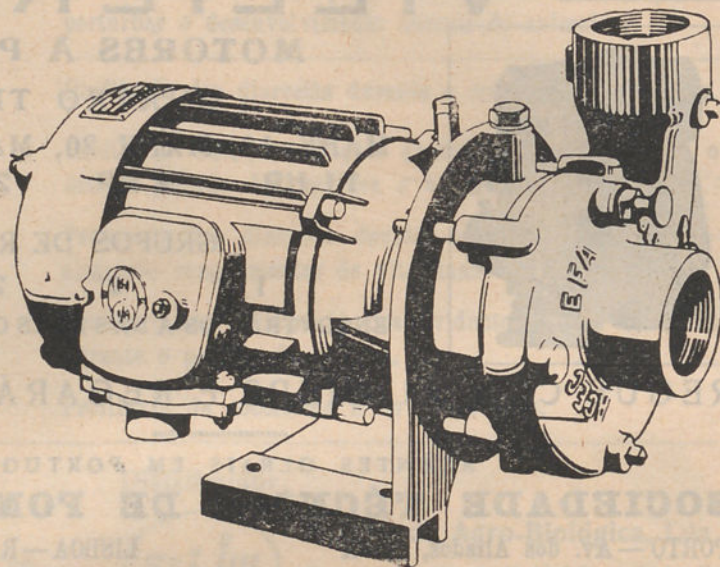
4124

ELECTROBOMBAS

EFACEC

ALTO
RENDIMENTO

BAIXO
CONSUMO



AGENTE OFICIAL:
BONNEVILLE OLIVBIRA

R. DE CAMÕES, 310—TELEF. 20859—PORTO

*O Caminho de Ferro
é o transporte ideal,
pois é seguro, rápido
prático e económico.*

1493

H. KLEIN, L.^{DA}

Successores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhoria e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177—Vila Nova de Gaia
Telef. 390141—Telegr. NIELK

1835

SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfaces, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couve flor, Bróculo, Repolho, Penco de Chaves, Penco de Mirandela, Penco da Póvoa, Tronchuda, Ervilhas de grão, Espinafres, Feijões de vagem de trepar e rasteiros, Rabanetes, assim como: Azevêns, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa colecção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

“SEMENTEIRA” de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO
CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o

N. B. — Preços especiais! par revenda que lhe será enviado gratuitamente





Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

818

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS

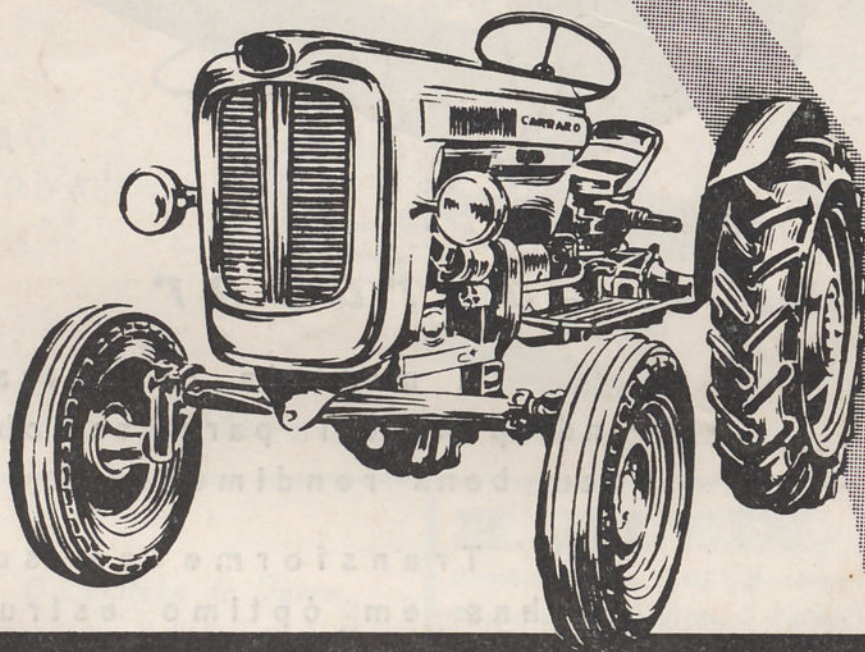
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEF. 368989

O mais moderno tractor europeu

OVIG



CARRARO

- * 35 HP. A 1.700 ROTAÇÕES
- * ARREFECIMENTO POR AR
- * ELEVADOR HIDRÁULICO DE CONTROLE AUTOMÁTICO
- * GRANDE MANOBRABILIDADE
- * INCOMPARÁVEL BELEZA DE LINHAS

3989



Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68

TELEF. 55161

P O R T O

